

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História— Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

Anita Garibaldi: mito e realidade histórica

Dhienifer Rocha Neuenfeldt

Pelotas, 2023.

Dhienifer Rocha Neuenfeldt

Anita Garibaldi: mito e realidade histórica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Viviane Saballa

Pelotas, 2023.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

N481a Neuenfeldt, Dhienifer Rocha

Anita Garibaldi : mito e realidade histórica / Dhienifer Rocha Neuenfeldt ; Viviane Saballa, orientadora. — Pelotas, 2023.

99 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Anita Garibaldi. 2. Monumento. 3. Pintura. 4. Primeira República. 5. Imaginário social. I. Saballa, Viviane, orient. II. Título.

CDD : 981

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Dhienifer Rocha Neuenfeldt

Anita Garibaldi: mito e realidade

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Licenciatura em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Viviane Adriana Saballa (Orientadora)
Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ UFRGS

Prof. Dr. Sérgio Roberto Rocha da Silva
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/
PUCRS

Dedico aqueles que sempre me apoiaram e torceram por mim. Amo vocês, mãe e pai.

Agradecimentos

Impossível não separar um espaço para agradecer a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos. Também aos meus amigos e familiares, pelo apoio e incentivo durante esse tempo de faculdade.

Agradeço também a minha orientadora, Viviane Saballa, pela disponibilidade e ajuda em todo o processo de escrita e a todos professores que passaram pela minha fase acadêmica. Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelas amizades construídas e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como estudante.

Ao meu namorado, Gustavo Domingues, que me aturou, teve paciência e me apoiou em todo o tempo de angústia, incertezas e ansiedades, a ti, toda gratidão. Ao meu irmão, Dhieison Neuenfeldt, por acreditar em mim.

Mas principalmente, agradecer aos meus pais, Vanderleia Rocha e Marcos Neuenfeldt, pelo esforço, desdobramentos, carinho, auxílio e força, para que eu pudesse estudar e realizar meu sonho, sem vocês nada disso aconteceria. É por mim e por vocês, a quem tudo devo. Amo-os infinitamente.

A todos, meu muito obrigada.

Resumo

Anita Garibaldi foi e ainda é muito representada em livros, filmes, músicas, obras de arte, entre outros, sendo um assunto em evidência. No entanto, grande parte dos trabalhos encontrados são relacionados à sua representação na literatura romanceada. Esta pesquisa pretende entender a história da representação da vida de Anita Garibaldi no quadro A fuga de Anita Garibaldi a cavalo produzida por Dakir Parreiras (1917/18) e do Monumento à Anita e Garibaldi erguido por Filadelfo Simi (1913), obras essas encontradas no Rio Grande do Sul. Através da questão: o que a representação de Anita Garibaldi no Monumento à Anita e Garibaldi, de Porto Alegre, do artista Filadelfo Simi e no quadro A fuga de Anita Garibaldi a cavalo, de Dakir Parreiras trazem de realidade histórica (chegando o mais próximo possível da noção de realidade) e de imaginário? A pesquisa, que é qualitativa e de cunho bibliográfico visa identificar e analisar os símbolos e alegorias que retratam Anita Garibaldi através do monumento e da pintura no Rio Grande do Sul do século XX, tendo como objetivos específicos a investigação da relação entre o imaginário da época, o monumento erguido e a pintura no Rio Grande do Sul do referido século e a análise do contexto da glorificação de Anita Garibaldi presente no acervo das obras e a sua imagem romanceada através da literatura. Na Primeira República sua imagem foi utilizada para a produção de nacionalismo (GELLNER, 1988; FRAGA, 2015; PAIXÃO, 2016; HOBBSAWM, 2016), ou seja, consciência de pertencimento à nação. Outros fatores analisados foram o imaginário social (CASTORIADIS, 2000; SILVA, 2018; MORAES, 1997; MAGALHÃES, 2016; CORRÊA, 2000; ELÍBIO JUNIOR, 2000), já que noções de heróis (FERNANDES, 2015; ISMÉRIO, 2018; SILVA, 2018; VALLE; TELLES, 2014; FRAGA, 2015) serviriam para a produção dos mesmos. Também foi verificada a realidade histórica (SILVA, 2018; CUNHA, 1995), trazendo a influência do Positivismo (RODRIGUES, 2000; ISAIA, 1992; ALONSO, 1995) para o uso de símbolos (COOPER, 1988; PESSOA; NOGUEIRA; NORONHA, 2020) no governo republicano. Fazemos uma análise de imagem do monumento e do quadro da personagem estudada, promovendo reflexões se suas representações trazem uma história real ou se somente são parte do imaginário que o governo oficial gostaria de repassar. Ao término, pudemos inferir que Anita não foi uma heroína, mas uma mulher que por questões de sobrevivência participou das lutas ao lado de Garibaldi.

Palavras-chave: Anita Garibaldi. Monumento. Pintura. Primeira República. Imaginário social. Realidade histórica.

Abstrat

Anita Garibaldi was and still is represented in books, films, music, works of art, among others, being a subject in evidence. However, most of the works found are related to her representation in novel literature. This research intends to understand the history of the representation of Anita Garibaldi's life in the painting *The Escape of Anita Garibaldi on Horseback* produced by Dakir Parreiras (1917/18) and the *Monument to Anita and Garibaldi* erected by Filadelfo Simi (1913), both works found in Rio Grande do Sul. Through the question: what does the representation of Anita Garibaldi in the *Monument to Anita and Garibaldi*, in Porto Alegre, by artist Filadelfo Simi and in the painting *Anita Garibaldi's escape on horseback* by Dakir Parreiras bring of historical reality (getting as close as possible to the notion of reality) and of imaginary? The research, which is qualitative and bibliographical in nature, aims at identifying and analyzing the symbols and allegories that portray Anita Garibaldi through the monument and painting in the 20th century Rio Grande do Sul, having as specific objectives the investigation of the relationship between the imaginary of the time, the monument erected and the painting in Rio Grande do Sul of that century and the analysis of the context of Anita Garibaldi's glorification present in the collection of works and her novelized image through literature. In the First Republic her image was used for the production of nationalism (GELLNER, 1988; FRAGA, 2015; PAIXÃO, 2016; HOBBSAWM, 2016), that is, consciousness of belonging to the nation. Other factors analyzed were the social imaginary (CASTORIADIS, 2000; SILVA, 2018; MORAES, 1997; MAGALHÃES, 2016; CORRÊA, 2000; ELÍBIO JUNIOR, 2000), since notions of heroes (FERNANDES, 2015; ISMÉRIO, 2018; SILVA, 2018; VALLE; TELLES, 2014; FRAGA, 2015) would serve to produce them. Historical reality was also checked (SILVA, 2018; CUNHA, 1995), bringing the influence of Positivism (RODRIGUES, 2000; ISAIA, 1992; ALONSO, 1995) to the use of symbols (COOPER, 1988; PESSOA; NOGUEIRA; NORONHA, 2020) in the Republican government. We make an image analysis of the monument and the painting of the studied character, promoting reflections if their representations bring a real history or if they are only part of the imaginary that the official government would like to pass on. In the end, we could infer that Anita was not a heroine, but a woman who for reasons of survival participated in the fights alongside Garibaldi.

Keywords: Anita Garibaldi. Monument. Painting. First Republic. Social imaginary. Historical reality.

Lista de figuras

Figura 1: Quadro Proclamação da República, de Henrique Bernardelli.....	18
Figura 2: Representação de Tiradentes.....	32
Figura 3: Júlio Prates de Castilhos.....	32
Figura 4: Representação de Anita Garibaldi.....	36
Figura 5: Imagem de Giuseppe Garibaldi.....	36
Figura 6: Capa do livro Anita Garibaldi: heroína de dois mundos.....	41
Figura 7: Capa do livro A guerrilheira: romance da vida de Anita Garibaldi.....	41
Figura 8: Capa do livro Anita: romance.....	41
Figura 9: Capa do livro Anita Cubierta de arena.....	48
Figura 10: Divulgação do filme Anita.....	53
Figura 11: Divulgação do filme Anita e Garibaldi.....	53
Figura 12: Quadro A fuga de Anita a cavalo, de Dakir Parreiras – 1917/18.....	64
Figura 13: Ampliação da imagem do quadro A fuga de Anita a cavalo.....	65
Figura 14: Monumento à Anita e Garibaldi.....	74
Figura 15: Imagem ampliada de Anita.....	75
Figura 16: Imagem ampliada de Garibaldi.....	76

Sumário

1 Introdução	11
2 Primeira República: produção de identidade nacional e imaginário social construído com a figura de heróis	17
2.1 Primeira República: panorama histórico e criação de identidade nacional ...	17
2.2 República positivista no Rio Grande do Sul	21
2.3 Ausência de identidade nacional: construção do nacionalismo através de símbolos, imaginário social e a criação de heróis	24
3 Anita (Ana Maria de Jesus Ribeiro): biografia e literatura romanceada, nascimento da heroína	36
3.1 Anita Garibaldi: uma heroína?	46
4 Monumento e pintura como consagração republicana	55
4.1 Monumento e pintura: produção, ressignificação e apropriação	55
4.2 Herói e arte: relação com a realidade histórica	58
4.3 Quadro A fuga de Anita Garibaldi a cavalo: contexto, descrição e análise	62
4.4 Monumento à Anita e Garibaldi: contexto, descrição e análise	69
5 Considerações finais	79
Referências	84

1. Introdução

Nos últimos anos, os trabalhos acadêmicos tiveram algumas mudanças em sentido de pesquisa. Temas que antes eram passados despercebidos, tornaram-se de grande interesse, universitário e popular. A história das mulheres é um desses temas que vem sendo contado com maior ênfase. É perceptível que o número de obras sobre a força e coragem feminina está crescendo muito, já que não podemos negar que as mulheres também contribuíram muito durante todos os momentos e eventos vivenciados.

No cotidiano as mulheres lidam com diversas situações, muitas delas de sentido negativo, tendo de lidar com comentários, assédios, violências, fora que muitas não vivem para contar seus feitos. Por muito tempo, as mulheres sofreram apagamentos na escrita da história, mas este quadro está sendo revisto. Dessa forma, é válido e de extrema importância que trabalhos acadêmicos sejam desenvolvidos para lembrarmos das personagens que tivemos pela nossa história, os papéis que desempenharam e pela ajuda que deram a transformar o Brasil no qual ele é hoje.

E entre essas muitas mulheres, uma que vem sendo seguidamente pesquisada é Anita Garibaldi. Ela nasceu e viveu no século XIX, sendo essa uma sociedade machista, na qual a mulher não tinha voz e vez, teve que se casar ainda nova com um sapateiro de nome Manuel, para mudar a situação econômica em que se encontrava sua família. Virou uma figura reconhecida, na Itália e no Brasil, como heroína, sendo representada como a mulher que participou em várias guerras, sempre ao lado de seu segundo esposo, Garibaldi.

O tema escolhido tem como interesse principal dialogar com o que está muito em alta, que seria, a aparição de mais mulheres em trabalhos acadêmicos, desse modo, a personagem que será retratada tem uma significância maior, por ser alguém que participou da guerra dos farrapos, bastante conhecida.

Anita Garibaldi é uma personagem que foi e ainda é muito representada em livros, filmes, músicas, obras de arte, entre tantas outras esferas, sendo sempre um assunto em evidência. No entanto, os trabalhos que encontramos

são majoritariamente relacionados à representação¹ desta em livros como de Rau (1975), Markun (2003), entre outros. Há poucas pesquisas que tenham como fator principal a questão da representatividade de Anita Garibaldi em outros meios, como em monumento² e pintura, que será o foco principal deste trabalho, no qual será investigada a relação imaginário, que será tratado de acordo com o que Castoriadis (2000, p. 154) explica:

[...] falamos de imaginário quando queremos falar de alguma coisa 'inventada'- quer se trate de uma invenção 'absoluta' [...] ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações 'normais' ou 'canônicas'. [...] é evidente que o imaginário se separa do real, que pretende colocar-se em seu lugar [...].

Será desenvolvido também o conceito de realidade histórica, com base no autor SILVA (2018, p. 9):

Estamos fazendo menção aos acontecimentos registrados em fontes e que expressem coerência, possibilitando revelação de indícios de verdade, já que a História é produzida por homens e, por isso, sujeita a interferências pessoais na versão final dos fatos. Toda sociedade define o que é ou não real, basta a nós identificarmos na subjetividade o que está circunjacente a ficção e não-ficção.

Dessa maneira, traremos para conhecimento a história oficial—aquela contada pelas maiores representatividades da época, relacionando-a com o que aconteceu, chegando o mais próximo possível da noção de realidade, ou seja, desmistificando a ideia passada pela obra.

Assim como todos os outros trabalhos acadêmicos, o estudo dos monumentos e pinturas, tem sua relevância por tratar-se de uma pesquisa no qual essas representações serão analisadas a ponto de trazer para conhecimento sua importância no período republicano, além de enunciar as razões de sua utilização, trabalhando fundamentalmente sobre o imaginário e a realidade, ou seja, sendo necessário uma análise e descrição das obras para

¹ Compreendemos como representação, o seguinte: “O termo representação, passa a significar também **retratar**, **figurar** ou **delinear**. O termo passa a ser aplicado a objetos inanimados que **ocupam o lugar de** ou correspondem a **algo ou alguém**. Além disso, significa **produzir uma peça** (DOS SANTOS, 2011, p. 29, grifo nosso).

² Monumento refere-se a que Choay (2006) explica: “monumentum deriva de monere que por sua vez significa aquilo que traz à lembrança, que possui a capacidade de tocar pela emoção, uma memória viva” (apud CRUVINEL, 2016, p. 34).

podermos compreendê-la em sua totalidade. Temos como intuito trazer à tona o que foi o herói³ para a República, por que utilizavam a representação desses personagens, a relevância dos simbolismos, o processo de identidade nacional⁴ e a notabilidade do Positivismo⁵ para o momento de mudança de governo— queda da monarquia e surgimento do governo republicano. Fora o grande valor científico, ela também é de ampla valia para a sociedade, já que para muitos populares essas representações que vemos em várias cidades não passam apenas de uma imagem sem sentido, frequentemente sendo de desconhecimento da população, principalmente os feitos dos representados.

Por essa razão, estudar essas representações de Anita Garibaldi é fundamental, pois trará para informação do público a história por trás do monumento/pintura, das implicações das escolhas por uma representação em específico e as intenções dos patrocinadores das obras, buscando compreender as mensagens subentendidas na visualidade ofertada pelos artistas, cujas escolhas são sempre abarcadas de intencionalidades.

A pesquisa terá como objeto e fonte de estudo o monumento que encontramos no Rio Grande do Sul, na capital, Porto Alegre, que é uma homenagem à Anita e Garibaldi, presente dos italianos para a cidade e produzida pelo artista Filadelfo Simi, exposta em praça pública, sendo acessível a todos; e do quadro A fuga de Anita Garibaldi a cavalo, de Dakir Parreiras, exposto no museu da cidade de Piratini⁶, dessa maneira, sendo de fácil acesso. Essas representações foram produzidas na Primeira República (1913 e 1917/1918, respectivamente), período esse que o governo usou dos perfis de personagens importantes para a história para desenvolver a formação de uma identidade nacional, já que a população não tinha um sentimento de pertencimento, de união, dessa forma levando a oficialização do governo. Assim, irá ser verificado o contexto da época em que tais obras foram produzidas, qual sua significância

³ Nos referíamos a herói: “aquele que transcende suas circunstâncias por meio do sacrifício, o que faz como forma de dedicar serviço ao próximo. E é nessa transcendência que ele encontra o sentido para a sua vida” (CAPIBARIBE; OLIVEIRA; SÁ; MARQUES, 2021, p. 110).

⁴ Comungamos para esse conceito de que: “É possível entender a identidade nacional como o sentimento de pertença a um país e também como o conjunto de características próprias de uma nação, nas quais seu povo se reconhece” (MARQUES; DOMINGUES, 2014, p. 467).

⁵ O Positivismo pode ser descrito como um sistema metodológico e doutrinário, que nascia da epistemologia que tinha como característica a realidade (existência objetiva dos fenômenos), a utilidade, a certeza e a precisão do conhecimento— conhecimento como processo acumulativo que visava não destruir, mas organizar (ALONSO, 1996, p. 109).

⁶ Museu Histórico Farroupilha, situado em Piratini na rua Coronel Manoel Pedroso, nº 77, centro.

e a ligação que há, além de claro, trazer a história de Anita sobre o momento registrado, à vista disso, esses objetos de sua história— monumento e quadro— serão analisados para a composição de um contexto.

Trabalhar com análise dessas obras não é algo novo, autores como Sergio Roberto Rocha da Silva, Eduardo Cruvinel, Arthur Barbosa, entre outros, escreveram sobre monumentos e sua ressignificação ou apropriação; e escritores como Paulo Menezes e Maria Capelato, têm pesquisas sobre pinturas/imagens e seus significados, no entanto, nosso estudo é diferenciado por tratar de uma personagem que geralmente é divulgada em outros meios, como nos livros de romance de João Felício dos Santos (1979) ou Loredana Frescura e Marco Tomatis (2012) por exemplo, como uma heroína.

Anita Garibaldi tem sua vida concebida principalmente em livros que romantizam sua vivência, transformando-a numa personagem com características que a igualam a deusas, são trabalhos com um enfoque voltado justamente para a glorificação dela. Ana não foi uma heroína como foi evidenciada por esses autores, foi apenas uma mulher que, com as situações ao qual foi exposta, teve de lutar para sobreviver. Dessa maneira, trabalhar outras formas de sua representação é algo inovador, que pode servir para trazer ao público conhecimento que antes fora ignorado, além de servir para enriquecer o acervo de pesquisas sobre o assunto.

O trabalho terá como foco as obras artísticas de Ana Maria de Jesus (Anita Garibaldi), sendo elas monumento e pintura. Serão examinados seus feitos e sua vida, fugindo dos trabalhos que são voltados exclusivamente para a representação desta na literatura.

A presente pesquisa é qualitativa e bibliográfica baseada em livros, monografias, teses e artigos impressos ou digitais que foram inventariados e fichados. Diferentes fontes serão utilizadas para identificar o mito presente nas obras, desmistificando o que foi produzido pela literatura romanceada e com a intenção de transformar Anita em uma heroína. Além de trazermos sua versão representada romanticamente, também, buscaremos as fontes imagéticas concernentes à pesquisa, ou seja, fotografias, referentes aos objetos de estudo que serão analisados no terceiro capítulo. As fontes imagéticas foram acessadas e organizadas em acervo específico para análises, tudo contribuiu para

atingirmos a compreensão sobre os símbolos e alegorias que retratam Anita Garibaldi nas obras mencionadas.

Nossa questão de pesquisa é: o que a representação de Anita Garibaldi no monumento à Anita e Garibaldi, de Porto Alegre, do artista Filadelfo Simi e no quadro A fuga de Anita Garibaldi, de Dakir Parreiras trazem de realidade histórica (maior aproximação da verdade) e de imaginário?

Através dessa problemática, buscamos trazer as versões do imaginário— aquela história contada onde heroificam Anita— e da história mais próxima da realidade, mostrando que a personagem que idealizam e a pessoa têm características que diferem. Desta forma, respondendo à questão, teremos mais meios de perceber Anita em sua totalidade. Ao analisarmos o monumento e a pintura, estamos nos referindo ao acervo produzido com o propósito de conservar a memória da heroína representada.

A pesquisa tem como objetivo geral identificar e analisar os símbolos e alegorias que retratam Anita Garibaldi através do monumento e da pintura no Rio Grande do Sul do século XX, e tem como objetivos específicos, investigar a relação entre o imaginário da época, o monumento erguido e a pintura no Rio Grande do Sul do século XX e analisar o contexto da glorificação de Anita Garibaldi presente no acervo das obras e a sua imagem romanceada através da literatura, podendo assim ver até que ponto as iconografias podem ser capazes de resguardar uma realidade histórica ou um imaginário, com isso, será possível verificar o quanto a heroína materializada no monumento e na pintura foi concebida a partir de fatos ou pelo olhar romanceado de autores e grupos interessados em produzir tais obras.

Esse estudo pretende entender a história da representação da vida de Anita Garibaldi no quadro e monumento referidos, para conseguirmos projetar a importância delas para o período da Primeira República, como foi difundida sua história para a população e se essas obras de fato trabalharam com os fatos.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi dividido em três partes: primeiramente foi desenvolvido o assunto remetente à Primeira República, trabalhando a questão da identidade nacional e imaginário social. Trazendo ainda a conhecimento o simbolismo que foi construído para que permanecessem de herança na memória da população. Foi feito também um panorama histórico desse período de Primeira República, onde o governo positivista do Rio Grande

do Sul e sua influência para o estabelecimento de heróis foi fundamental para o processo de identificação nacional. Já na segunda parte, trazemos a conhecimento dados acerca da vida de Anita (contexto, família, suas lutas e a produção literária romanceada, fazendo-nos chegar ao nascimento da “heroína”. Finalizamos colocando em discussão a questão de ser ela ou não uma heroína. Por último, o terceiro capítulo concentra-se sobre a contextualização do monumento e da pintura, sendo analisados sua produção, ressignificação e apropriação e a relação entre arte e realidade histórica. Buscamos trazer reflexões sobre as obras representativas a Anita contextualizando o herói nacional e herói sintético, terminando com a descrição e análise do Monumento à Anita e Garibaldi e da pintura A fuga de Anita Garibaldi a cavalo.

Nas considerações finais, trazemos as reflexões acerca do que foi estudado ao longo do trabalho, verificando se chegamos ou não as respostas dos objetivos de pesquisa.

2. Primeira República: produção de identidade nacional e imaginário social construído com a figura de heróis

No presente capítulo, será apresentado um panorama histórico do período da Primeira República no Brasil (1889-1930), dedicando-se ao surgimento de uma identidade nacional baseada na construção de um imaginário social, importante para a consolidação da República e “apagamento” da história monárquica no Brasil. Na sequência, trataremos do ideal positivista no Rio Grande do Sul, esse que teve influência para a construção de heróis nacionais e seus simbolismos. Para a realização desta parte da pesquisa, utilizaremos as obras de Silva (2018), Ismério (2018), Doberstein (1992), Souza (2011), entre outros autores que trazem em seus estudos as questões supracitadas.

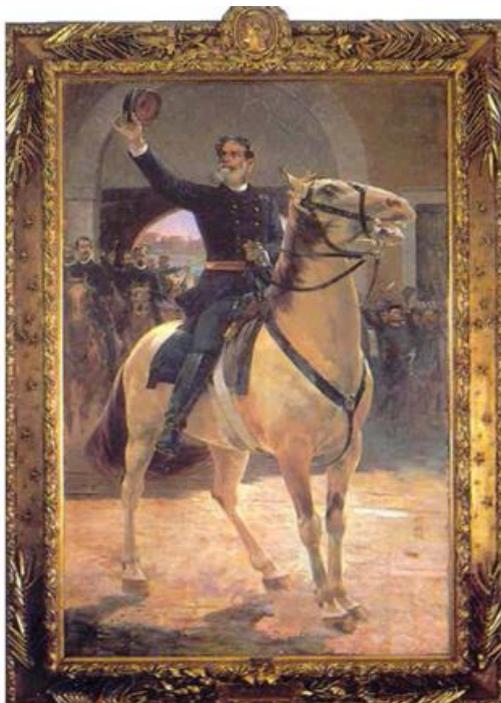
2.1 Primeira República: panorama histórico e criação de identidade nacional

O Brasil, foi uma das colônias de Portugal por muitos anos, de 1530 até 1822, quando se tornou um império independente, momento esse em que Dom Pedro I estava à frente da liderança da então colônia e a tornou livre. O País foi governado por imperadores de 1822 até o ano de 1889, a partir de então, deixou de ser império e passou a ser uma República.

O processo para a instalação da República aconteceu no dia 15 de novembro, momento em que Dom Pedro II foi derrubado, abrindo espaço para o governo provisório, onde Marechal Deodoro da Fonseca lideraria o país.

Essa ação pode ser chamada de golpe militar pois teve a participação maior de militares que estavam descontentes com o tratamento que vinham tendo do governo imperial desde o final da Guerra do Paraguai, além disso, o número de civis participantes era baixíssimo, “o processo de proclamação não teve a participação de populares” (ARAUJO, 2009, p. 130), esses não se envolveram na proclamação, ou seja, republicanos falharam no momento de conseguir apoio popular, ainda, é visível no quadro (figura 1) a *Proclamação da*

*República*⁷ a ausência da população. Em primeira cena, visualizamos o Marechal Deodoro da Fonseca em seu cavalo e atrás dele há a representação dos militares que participaram para a queda da monarquia.



HENRIQUE BERNARDELLI (1857-1936): *Retrato do General Deodoro da Fonseca*, c.1892.
Óleo sobre tela.
Rio de Janeiro, Academia Militar das Agulhas Negras.

Figura 1: Quadro Proclamação da República, de Henrique Bernardelli
Fonte: Exército Brasileiro⁸

Como não houve civis nesse momento importante da História do Brasil, posteriormente os responsáveis pela liderança tentaram trazer através das Artes, mensagens que pudessem levar significado e envolver a população no sentimento republicanista, nesse sentido, os monumentos e quadros foram importantes para a difusão dos acontecimentos que envolviam a instauração do novo governo brasileiro.

⁷ Quadro de Henrique Bernardelli, encomendada pelos republicanos para mostrar aquele momento. Oriá Fernandes descreve a obra: “*Proclamação da República*, de Henrique Bernardelli (1858-1936), que mostra de forma proeminente e em destaque o Marechal Deodoro (1827-1892), montado num cavalo garboso e acenando com um quepe na mão e, ao fundo, em posição secundária, alguns outros personagens como Benjamin Constant, professor e principal ideólogo do Positivismo junto a jovem oficialidade da Escola Militar; Quintino Bocaiúva, presidente do Partido Republicano e Aristides Lobo, republicano civil, entre outros” (FERNANDES, 2017, p. 2-3).

⁸ Disponível em: https://www.eb.mil.br/o-exercito?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=8408487&_101_type=content&_101_groupId=8032597&_101_urlTitle=quadro-a-proclamacao-da-republica-em-exposicao-permanente-no-museu-academico-da-aman&inheritRedirect=true. Acesso em: 17 abril 2023.

A república foi instalada porque a:

Monarquia já estava em ruínas quando a República se instaurou no país, não havendo uma vitória, mas uma substituição de regimes: um estava decadente e à espera do fim; o outro, em ascensão e em prontidão para dar início à nova administração (SODRÉ, 1998, p. 322 apud Silva, 2018, p. 16).

Ainda, Dom Pedro II já estava em uma idade avançada e pouco fez para combater o ataque dos Republicanos, pois havia evidências de que uma conspiração poderia acontecer a qualquer momento e assim mesmo, o governo imperial permaneceu inerte (GOMES, 2013, p. 251), para exemplificar a falta de interesse do imperador: “a resignação do velho imperador ao rumar para o exílio dourado em Paris, sem esboçar grande reação ao golpe de Estado, é o melhor rastro da deterioração do antigo regime. Até Pedro II parecia estar cansado da Monarquia” (NAPOLITANO, 2021, p. 17), assim, pela falta de ação do imperador, o golpe foi fácil e rápido.

O que contribuiu para a queda da monarquia foi:

Um conjunto de fatores que influenciaram diretamente o resultado [...]. O Exército não estava satisfeito com o tratamento que recebia do Império, já que não era dada aos militares a devida importância dentro da sociedade (SILVA, 2018, p. 16).

Republicanos e militares foram os principais a organizar todo o processo para o golpe.

Os republicanos liberalistas enfrentavam de frente os positivistas, já que esses tinham uma forma de ação diferente. O Positivismo era um ideal muito influente na França que passou, de certa forma, inspirar os estudantes brasileiros, como coloca Manuel Inácio Carvalho de Mendonça:

A cultura positiva fornecia à mocidade republicana uma base sólida e demonstrável para suas crenças políticas. Em todas as escolas superiores do País formava-se paralelamente à ciência oficial, uma cultura independente, a que a mocidade se dedicava com ardor como base e medida de sua ação política na vida real (apud RODRIGUEZ, 2000, p. 33).

Assim, aqueles que se encontraram no ensino superior foram os principais veículos para a difusão dos aspectos positivistas e liberalistas. Esses ideais

filosóficos se tornaram muito presentes na formação da república naquele período, tanto que em nossa bandeira encontramos a frase "ordem e progresso", influência positivista. No entanto, “a primeira constituição Republicana foi inspirada na Constituição dos EUA, consagrando assim a República Federativa Liberal” (ARAUJO, 2009, p. 134), dessa forma, nossa constituição foi baseada nos quesitos liberais, enquanto o Positivismo se tornou presente na bandeira e na produção de monumentos, melhor dizendo, na instituição de heróis nacionais como forma de criar laços entre todas as regiões, pois não havia ainda o nacionalismo⁹ presente, assim sendo, as regiões não eram pertencentes a um todo, eram “independentes” sem haver uma ligação entre os territórios.

Uma das questões que os republicanos tinham como meta, era a parte de unir os Estados, para que pertencessem ao todo, além disso, tinham algumas reivindicações ligadas à esta proposta, como produção cafeeira e maior participação nas decisões políticas. Segundo Araújo:

Muitas das reivindicações feitas pelos republicanos, contra a monarquia, tinham como fundamento: a falta de apoio ao desenvolvimento rural, principalmente, aos cafeicultores do Oeste Paulista, que desejavam maior poder político, já que possuíam poder econômico; a classe média brasileira que crescia e ansiava por uma maior participação nas decisões políticas do Brasil, além das insatisfações do exército com a monarquia, ainda mais, pós-guerra do Paraguai (2009, p. 130).

Ou seja, os republicanos, formados por maioria fazendeiros—que se sentiram injustiçados com a Lei Aurea, já que perderam sua mão-de-obra escrava— e militares— que não viam na monarquia a consideração merecida— queriam governar o país da forma que melhor fosse para sua produção e reconhecimento, sendo assim, tirar o imperador seria o primeiro passo. Sobre isso, Emília Viotti da Costa menciona:

O liberalismo no Brasil não foi absorvido pela burguesia, como na Europa, mas pelas aristocracias rurais. Estas classes dominantes brasileiras, já quando do processo de independência política, tinham

⁹ Para a compreensão do nacionalismo, comungamos deste entendimento (GELLNER, 1988, p. 13): “Fundamentalmente, el nacionalismo es un principio político que sostiene que debe haber congruencia entre la unidad nacional y la política. Ya sea como sentimiento, ya como movimiento, la mejor manera de definir el nacionalismo es atendiendo a este principio. Sentimiento nacionalista es el estado de enojo que suscita la violación del principio o el de satisfacción que acompaña a su realización. Movimiento nacionalista es aquel que obra impulsado por un sentimiento de este tipo”.

um projeto em que restringir-se-iam os poderes do Imperador, e manter-se-ia o povo sob controle (2007, apud MONTE, 2014, p. 4).

Entre outros aspectos, eles defendiam a eleição direta, ou seja, os cidadãos escolheriam seu representante através do voto, assim, seria mais fácil manter aqueles que queriam que governassem no poder, pois poderiam manipular o povo— conhecido como voto de cabresto¹⁰.

Já os positivistas, defensores do ideal de Comte, eram “fortemente ligado ao progresso científico e social” (BORGES; BOTELHO, 2012, p. 2), além disso:

O Positivismo contribuiu para uma série de evoluções no país, tanto a nível administrativo, como social e cultural. No campo da arte, o Positivismo estipulava que as obras deveriam ter sempre um caráter científico, realista e detalhista, pois deviam basear-se na observação dos fatos, além de possuir uma forte temática política e moral (BORGES; BOTELHO, 2012, p. 2).

Dessa maneira, os ideais do liberalismo e do Positivismo foram os principais para a reconstrução de um país que havia saído de um período monárquico e precisava reconhecer-se como nação¹¹.

2.2 República positivista no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, o Positivismo teve grande influência, principalmente entre os militares. Júlio de Castilhos foi um dos militares e governadores que teve grande autoridade no Rio Grande do Sul:

[...]Castilhos achou na meditação da obra de Comte, e na observação dos fatos históricos, a fórmula mais capaz de resolver, de um ponto de

¹⁰ Para voto de cabresto, temos a informação que que consiste em um eleitorado que residia, em sua maioria nas áreas rurais e pequenos municípios do interior do país e que dependiam e tinham uma relação estreita com os chefes locais e ainda, eram exercidas “variadas práticas de coerção e manipulação da vontade do eleitor que resultavam em conseqüências danosas ao processo eleitoral, como o mandonismo e as fraudes eleitorais” (LEAL, 1975 APUD EDUARDO, 2011, p. 14).

¹¹ Para melhor definição trazemos Anderson (2008, p. 34) que nos explica “(...) a nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal. Em última análise, essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas” (ANDERSON, 2008, p. 34 apud SOUZA, 2011, p. 3).

vista humano, o insanável problema político[...] (BARCELOS apud RODRIGUES, 2000, p. 37).

O governo desse líder gaúcho ficou conhecido como castilhismo e:

O líder gaúcho propunha a criação de um regime moralizador, baseado não na procura e preservação de interesses materiais, mas fundado nas virtudes republicanas autênticas (RODRÍGUES, 2000, p. 74).

Castilhos governou o Rio Grande do Sul com mãos de ferro e por conta do seu período como líder é até hoje lembrado. O Positivismo no contexto do Rio Grande do Sul foi de grande importância e foi por conta dele que o governo de Júlio se tornou memorável, pode-se destacar que havia em comum com esse ideal: “Estado forte, antiliberalismo, política moralizadora, concepção social orgânica; essas idéias tão caras ao comtismo e ao castilhismo” (ISAIA, 1992, p. 6). Além disso, tinha uma outra forma de governabilidade, já que:

A questão do Positivismo estava ligada ao caráter doutrinário, o apelo ao rigor científico e a matematização. Seus seguidores eram vistos como pensadores e não como membros de ação (ARAUJO, 2009, p. 131).

Os seguidores de Comte defendiam que o país deveria ser governado por militares. Ainda, “vinha ancorado numa radicalização da crítica ao sistema monárquico, propondo a instauração da forma republicana” (ALONSO, 1995, p. 3).

Para que se chegasse a esse período de governabilidade, o povo riograndense teve que passar por uma revolução, que ficou conhecida como a Revolução Federalista (1893-1895). A “Revolução Federalista no Rio Grande do Sul foi na verdade uma guerra civil oriunda da radicalização cada vez maior da luta pelo poder” (SILVA, s/a, p. 7), que envolveu os positivistas ligados a Júlio de Castilhos conhecidos como republicanos ou pica-paus que “defendiam a instauração de um governo autoritário baseado na Constituição estadual de 1891” (ISMÉRIO, 2018, p. 15) e os federalistas, ligados a Gaspar Silveira Martins conhecidos também como maragatos, defensores, do “ideário liberal e um Poder Legislativo forte dentro de um sistema parlamentar” (FLORES, 1993, p. 15, apud ISMÉRIO, 2018, p. 15).

Nessa revolução, os vencedores foram os republicanos, defensores do ideal de Comte, combatendo os liberalistas, sendo então, “o conflito mais

sangrento da história do Rio Grande do Sul, marcada pela carnificina, ódio e ganância de seus líderes” (ISMÉRIO, 2018, p. 15). Assim, com o fim dessa revolução, Júlio de Castilhos pode assumir o governo e com seus feitos durante os anos que permaneceu no poder tornou-se um líder idolatrado e admirado, colocando em prática seus planos governamentais, como menciona Izabel Pimentel da Silva:

Voltou-se para a organização da Justiça Civil, que, por determinação da Constituição de 1891, ficou a cargo das unidades federadas; reorganizou a Secretaria de Obras Públicas, para ela transferindo a Diretoria de Terras e Colonização; desobstruiu os canais de navegação fluvial e lacustre; criou a Diretoria de Higiene do Estado, que posteriormente originaria a Secretaria Estadual de Saúde; promulgou o Código de Organização Judiciária e reorganizou o ensino primário. No plano da política nacional, Castilhos imprimiu a seu partido sua vontade política e adotou uma posição de autonomia em relação à presidência da República, o que gerou conflitos com o governo central (SILVA, s/a, p. 9).

Quando líder do Estado, Júlio de Castilhos teve grande influência exercendo e difundindo o Positivismo. Esse ideal:

Também exaltava como pressupostos morais o sentimento, o altruísmo e a negação dos direitos em favor dos deveres. O Positivismo fundamentava-se em um discurso conservador uma vez que buscavam vultos e heróis do passado os exemplos para a organização da sociedade (ISMÉRIO, 2018, p. 15).

O ideal positivista tinha como intuito buscar referências que pudessem representar a República instalada, assim, parafraseando Doberstein, o Positivismo riograndense utilizou de estátuas e símbolos para aperfeiçoar o gênero humano, para assim conquistar a população e entusiasma-las (1992, p. 43). Os monumentos e heróis foram uma forma de consagrar a aceitação do novo regime instaurado no país, pois através da visualização deles, a sociedade entenderia que houve grandes líderes que lutaram para que se chegasse aquele novo período, que seria de modernização e melhorias para todos. Para afirmar a importância que o regime positivista teve no Rio Grande do Sul, bem como para todo o Brasil, para a educação moral da população, foram usados como instrumentos de divulgação desse ideal:

A dramaturgia e a escultura [...] e com isso manipulá-lo através de símbolos e signos, atingindo assim todas as camadas da população, uma vez que grande parte era composta de analfabetos” (ISMÉRIO, 2018, p. 47).

Fazendo uma analogia com o que foi supracitado, trazemos o exemplo da situação da inauguração do monumento a Júlio de Castilhos, onde “temendo que a maior parte dos presentes não entendesse o que estava vendo, o governo mandou imprimir para a ocasião um folheto com a descrição do significado de cada uma das partes do conjunto” (DOBERSTEIN, 1992, p. 43-44), com esse material, a obra produzida seria mais acessível, pois teriam as informações que o governo gostaria que fossem visualizadas por todos, ou seja, cada símbolo presente ali tinha um significado, porém nem todos compreenderiam, para tal, os panfletos seriam de grande auxílio para a propagação da interpretação correta do monumento.

Posto isso, constatamos que o Positivismo teve sua influência nas diversas dimensões— através de monumentos, bustos, hermas, pinturas, fachadismo— para levar adiante, a população, conhecimento sobre as pessoas heroificadas e sua importância para que se chegasse à consagração da República, governo posto em funcionamento em 1889.

2.3 Ausência de identidade nacional: construção do nacionalismo através de símbolos, imaginário social e a criação de heróis

Para a aceitação da república— baseada no Liberalismo ou Positivismo— era necessário que o povo desenvolvesse noção de pertencimento, melhor dizendo, que se reconhecessem como brasileiros, já que “o Brasil conservava ainda a tradição de isolamento entre suas regiões, refletindo na sociedade uma desunião, herança do período colonial” (SODRÉ, 1998, p. 39 apud SILVA, 2018, p.13), com isso, era necessário que tivessem orgulho de si.

A República visava uma série de mudanças que sequer aconteceram. Uma realidade que acontecia desde a monarquia era a desunião das regiões, por exemplo, a região sul não tinha afinidade com a região norte. Melhor dizendo, as regiões não se sentiam pertencentes ao país Brasil, era como se cada uma fosse independente, mas que prestavam contas ao governador do país, no caso,

o imperador. Assim sendo, a parte de identificação como brasileiro não existia, “como poderia haver consenso [...] num país caracterizado historicamente por consideráveis desigualdades econômicas, sociais, culturais e políticas [...]?” (DEBRUN, 1990, p. 39), com base nessa questão, para que mudasse essa realidade, a República teria que agir modificando o sistema que estava vigente até então. Além do fato de haver desigualdades econômicas e políticas, também tinha a problemática de que o país era formado por diversas etnias, — portugueses, ingleses, alemães, italianos, indígenas, espanhóis etc.— e isso, gerava uma complexidade no que tange às culturas, criando dificuldades para agrupamentos no sentido esperado. Apregoava-se uma consciência de unidade:

A nação é vista como uma comunidade de destino, acima das classes, acima das regiões, acima das raças. Para isso, é preciso adquirir uma consciência de unidade, a identidade e, ao mesmo tempo, é necessário ter consciência da diferença em relação aos outros, a alteridade (FIORIN, 2009, p. 117).

Com a República atuante, a questão do “todo” era algo que deveria ser mudado. Era necessário que algo unisse e desse sentimento de nação e de nacionalismo para todos, pois para sua aceitação precisava de um país em sua inteireza. Dessa maneira, buscaram por algo que pudesse ser feito para que ligassem uma região a outra.

Os governantes positivistas, tinham como “uma das preocupações [...], o resgate e criação de símbolos que despertassem sentimentos nacionais na população em geral” (RODRIGUES, 2013, p. 167), então usaram de signos e símbolos. Foi através da estatuária, tanto a fachadista, monumental quanto a funerária que buscou-se enfatizar o culto ao herói e aos símbolos da República (ISMÉRIO, 2018, p. 56), pois “[...] tinham fins educativos e morais” (ISMÉRIO, 2018, p. 56). Utilizaram da educação visual, bem como o reconhecimento no que estava sendo produzido, para o entendimento de toda a população, desde os letrados aos analfabetos. Outrossim:

Fazia-se necessário construir novos símbolos e signos capazes de manter uma unidade nacional, voltada ao desenvolvimento das relações que mantivessem a estabilidade política e econômica de todo o grupo hegemônico, que ocupava não apenas o Governo Federal, mas também os diversos poderes regionais (SOUZA, 2011, p. 5).

Desse jeito, esses serviriam para a criação de uma identidade visual, assim sendo, ficaria mais fácil da população aceitar a nova forma de governar o país que havia sido instaurado, pois nessas obras construídas, a população se reconheceria e dali tiraria o exemplo, ou seja, usaria os heróis e seus símbolos como forma de se reconhecer em um todo, além claro, de serem importantes meios para levar ao “esquecimento” do passado monárquico. É válido ressaltar que:

Concretizar esta Nação brasileira sob a nova forma republicana, não significava negar o passado, até porque este era o elemento que delimitava (território, língua e uma história comum) a própria concepção do país que se queria mudar. A recriação vinha da ação de delegar ao passado a culpa pelos problemas nacionais: a mistura das raças em função da nossa colonização; o analfabetismo pela falta de compromisso da monarquia com a educação dos pobres; a falta de higiene em função da miséria e da falta de educação dos antigos escravos; a idéia pejorativa do trabalho devido ao período de escravidão no Império; uma tecnologia atrasada em relação ao mundo, em virtude da falta de apoio do governo para incrementar esta área; etc. (SOUZA, 2011, p. 6-7).

Outra maneira de fazer com que a República fosse aceita como forma de liderar o país, foi a acusação a monarquia pelos descuidos/problemas encontrados na população, focando na modernização e melhorias que o novo governo traria ao país.

Para a construção da ideia de nação e nacionalismo, foram usados os símbolos e signos, outra estratégia foi o uso do direito de nomeação de personagens para designá-los como heróis, esses eram representados em monumentos e quadros (formas muito utilizadas desde a antiguidade) para difundir os ideais que queriam passar a sociedade.

A produção de heróis foi de extrema importância para a aceitação da República pelo povo:

Não era objetivo da República apresentar os heróis somente como mera exaltação ao patriotismo, mas sim evocar, através do trabalho simbólico e do imaginário, uma afirmação do regime político a pouco implantado (SILVA, 2018, p. 27).

Ao ser instituída, a nova forma de governo, não teve a participação social, foi basicamente algo imposto. Para a aceitação popular, deveria ser criado uma memória social, para que pudessem ter uma história, segundo Michel Vovelle

(1991, p. 44-45), “a memória se fabrica e se elabora no decorrer do tempo” (apud SILVA, 2018, p. 20), ainda:

A construção do cenário ideal para difundir as ideias republicanas estava em parte firmada na fabricação da memória do povo, promovendo o esquecimento do passado, ao mesmo tempo que resguarda para futuras gerações os princípios da República (SILVA, 2018, p. 20).

O imaginário social foi um importante meio de reverberar a história que gostariam que fosse perpetuada, outrossim, foram utilizados os personagens e símbolos já disponíveis, ou seja, homens e mulheres que haviam feito algo referente ao fim da monarquia, somente tiveram um novo significado, agora passariam a representar os ideais da República.

A figura do personagem heroificado, principalmente os heróis nacionais, estão muito presentes em nosso dia a dia e foram a principal forma usada para a construção de uma memória social. Essas representações foram muito utilizadas na Grécia, “para a mitologia grega, o herói estava na posição intermediária entre os deuses e os homens, [...]. Portanto, [...] tinha dimensão semidivina” (VALLE; TELLES, 2014, p.3), destarte, para que alguém recebesse a honraria desse título, a pessoa em questão— militar, rebeldes etc.— deveria ter realizado feitos notáveis no qual fizessem com que se destacassem na sociedade, dessa maneira podemos dizer que a nomeação de alguém como tal é uma forma de glorificar, sendo um grande momento, uma grande conquista.

Entende-se por herói na antiguidade:

Uma figura lendária que possuía atributos como um ser de grande altura, com poderes sobrenaturais, bravura e magia, sendo divinizado pelo povo de sua cultura (DRUCKER; CATHCART, 1994, p. 221 apud SILVA, 2018, p. 23-24).

O tal personagem/figura lendária seria diferente do humano, com qualificações inigualáveis, além disso, para ser assim considerado, deveria em vida ter feito algo que ficasse marcado de grandioso, porém:

Pode-se perceber que o conceito de herói está intimamente ligado à sociedade que o criou, bem como à época de sua criação. Isso porque as qualidades inerentes [...] devem estar intimamente ligadas aos valores de sua época e às necessidades de um povo (VALLE; TELLES, 2014, p.1).

Sempre que estudado um desses ídolos, deve-se ter um conhecimento de como era o contexto em que tal personagem foi nomeado, como surgiu e as motivações. No entanto, o/a retratado/a:

Não é jamais uma entidade acabada, mas sim uma realidade em permanente construção, quer dizer, uma figura suficientemente maleável para poder ser ajustada a novas necessidades e justificações (CUNHA, 1995, p. 1).

Outrossim, o que não se pode negar, é o fato de sempre ter existido em nossa sociedade alguém utilizado como modelo a seguir, mas lembramos que essa figura serve aos representantes do povo que o tomam como base de uma mensagem, “a evocação [...] constitui peça central no objetivo de ensinar qual a essência da nação, [...] os traços perenes da sua alma imorredora” (CUNHA, 1995, p. 4), ou seja, aquela “divindade” seria basicamente para demonstrar e caracterizar como devem ser e agir a população, “o herói é visto como uma necessidade psicológica do ser humano, sendo uma construção simbólica que cumpre funções importantes no nosso desenvolvimento (VALLE; TELLES, 2014, p. 2).

Podemos dizer que, a nomeação de heróis foi um jeito importante para atingir tal fim. Juntamente com as figuras heroicas, outros conceitos foram lembrados com o mesmo intuito do uso dos personagens: criar uma identidade nacional e um imaginário social. Assim, o simbolismo e o imaginário trabalham juntamente para a consagração de seus objetivos.

Os conceitos de simbologia e imaginário social estão amplamente relacionados. Entendemos que:

Imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade (MORAES, 1997, p. 94).

Ainda o imaginário:

Possui um caráter político e social, em que a consolidação de uma visão de mundo (ideologia, regime político) se dá por sua legitimação, em que agentes ou grupos sociais são mobilizados para atingir tal fim (MAGALHÃES, 2016, p. 105).

Para a consolidação imagética, utilizava-se das simbologias e representações como uma forma de oficializar o novo regime governamental instalado, além dessas ter:

Por objetivo constituir uma gama de exemplos e valores que deveriam formar o cidadão novo, em conformidade com os ideais do regime, a saber, o patriotismo, o nacionalismo, a obediência à ordem e o sacrifício pelo Brasil, bem como: buscar no passado as respostas e as formas de agir em uma dada conjuntura no presente. Isto seria realizado pelos usos políticos do passado e pela construção de uma memória histórica (FRAGA, 2015, p. 589).

Por ser não haver identificação nacional, por ser uma nova forma de governo e principalmente por ter se dado sem a participação do povo, precisavam unir as regiões que se encontravam distantes, nacionalizar o país por completo, para que assim, fosse aceito o governo republicano. Podemos confirmar essa necessidade no seguinte trecho:

[...] a instituição do regime republicano de governo, fez proliferar na então capital da República, a cidade do Rio de Janeiro, a construção de vários monumentos históricos dedicados ao culto de determinados fatos que serviriam para a legitimação do novo regime. No entanto, [...], **essa prática de construção de monumentos históricos remonta ao processo de formação dos estados nacionais**, que emergiram, com maior intensidade, a partir da segunda metade do séc. XIX (FERNANDES, 2015, p. 5, grifo nosso).

Então, “para apagar do passado e da memória da sociedade lembranças do Império, símbolos e heróis foram usados como agentes de mudança e ‘exterminadores’ do testemunho do Brasil Imperial” (SILVA, 2018, p. 15). Para se criar esse sentimento de pertencimento, o simbolismo foi de extrema importância, Castoriadis (1962, p. 154; apud. SILVA, 2018, p. 19) afirma que “[...] o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária. Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é”.

Nesse contexto, os heróis foram inseridos no governo regente para que se criasse um imaginário social —somente assim se reconheceriam como cidadãos do país— que:

Se expressa por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. [...] modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem

vigente ou de introdução de mudanças (PESSOA; NOGUEIRA; NORONHA, 2020, p.134).

Podemos dizer que:

Os símbolos e alegorias nos mostram uma memória recriada para evocar lembranças selecionadas; por isso, nas representações dos heróis materializados nas obras, não há espaço para deficiências e julgamentos (SILVA, 2018, p. 11).

Por isso que ao escolher quem será nomeado como herói, é preciso que se verifique toda a história, para recriar algo imaculado, sem erros, sem relatos de situações feitas que “sujassem” a bibliografia.

Outrossim, seria fabricada uma memória, para contar a história de uma nação que não tinha passado, tão pouco presente, registrada em documentos, dessa forma, com o imaginário poderiam “atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo” (MORAES, 1997, p. 94). Para tal, foram usadas como meio de construir uma lembrança, situações e pessoas que lutaram para erguer uma República no Brasil, para que dessa forma, tivessem uma história nacional a ser contada e que, conforme o passar dos anos, consistir em ser difundida no imaginário social significaria então uma tradição inventada, que se refere a:

Um conjunto por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN; RANGER, 2002, p.9).

Para ter uma aceitação da história e que essa fosse aprovada e repassada de uma pessoa a outra, por anos, tiveram de usar símbolos/sinais para representar o contexto que queriam que traduzisse o que e como deveria ser o país. Dessa forma, “o símbolo, por conseguinte, se refere a um sentido, não a um objeto sensível (MORAES, 1997, p. 96).

Dito isso, o símbolo e o imaginário social andam juntos para construir uma representação que seja forte, pois “através de imagens que se constroem os acontecimentos, devido a força simbólica que estas imagens possuem no inconsciente individual e no imaginário” (CORRÊA, 2000, p. 118) para mostrar a

história nacional de forma digna, permitindo que a história social e oficial se difundisse. A história oficial reporta:

As análises e as representações sobre a trajetória social, econômica e política brasileira, nas quais prevalece um sentido único e linear a essa trajetória, marcado pela adoção de interpretações produzidas por uma única parcela da população, no caso, aquela que detém o poder econômico e cultural (SOUZA, 2004, p. 4).

Essas fontes produzidas pelos grupos de influência, principalmente as que estavam no governo, foram vistas como únicas e verdadeiras até o surgimento de trabalhos e pesquisas acadêmicas que contrariassem aquilo que estava sendo propagado por eles.

O uso de figuras marcantes da história do Brasil, surgiu por conta de um:

Processo de construção dos heróis que melhor respondiam aos interesses do regime foi marcado por seleção e hierarquização, além de uma política consertada entre os membros do governo para a valorização de determinados vultos (FRAGA, 2015, p. 288).

Esse processo levou a heroificação de alguns nomes, como Tiradentes (Figura 2) e Júlio de Castilhos (Figura 3) — por uma elite dominante, para demonstrar que o novo regime era virtuoso e forte, somente assim seria aceito pela população.

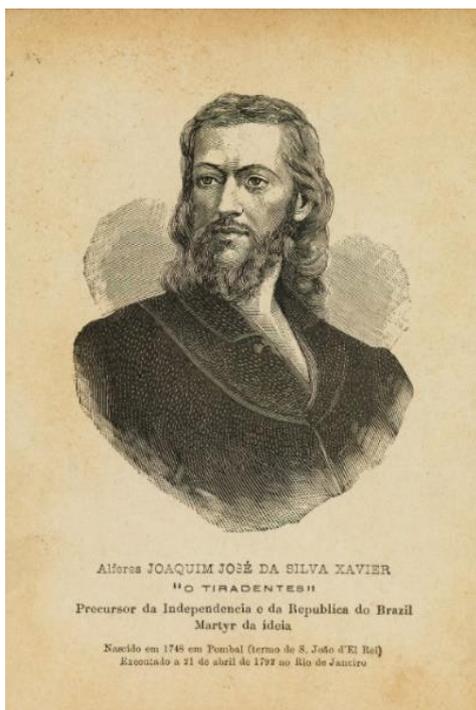


Figura 2: Representação de Tiradentes.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital¹²



Figura 3: Júlio Prates de Castilhos

Fonte: Palácio de Piratini¹³

A criação de heróis nacionais foi a parte fundamental para o surgimento de um imaginário social e identidade nacional, “a República percebeu no herói a melhor forma de simbolizar a metáfora da humanidade” (FÉLIX, 1998, p. 145 apud SILVA, 2018, p. 20), seria mais fácil que uma história fosse difundida entre as diversas regiões e a população, se fugisse da realidade histórica.

Muitos personagens heroificados são conhecidos até hoje, alguns tiveram suas histórias modificadas ou então não contadas por completo, já que, ao serem denominados como heróis teriam que ter uma biografia que fizessem com que a população se inspirasse e tirassem dali exemplos para a vida, por isso, detalhes que “envergonhassem” sua história de vida, deveriam ser apagados, desviando-se da realidade histórica.

Desse modo, para criar uma identidade nacional, o uso de monumentos que representassem os personagens da pátria, foi de fundamental relevância pois através deles ficaria registrado seus feitos, o orgulho que representavam para a história do Brasil, assim sendo, o simbolismo:

¹² Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>. Acesso em: 16 abril 2023.

¹³ Disponível em: <https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/julio-de-castilhos>. Acesso em: 16 abril 2023.

Surgió naturalmente de la necesidad de expresión en un medio que trasciende las limitaciones de las palabras y que expresa, sin embargo, un lenguaje que puede ser comprendido por todos: por consiguiente, desde el momento de nacer hasta el momento de morir empleamos símbolos que eran comunes en otros tiempos y en lejanas tierras (COOPER, 1988, p. 4).

É possível que seja visto em qualquer cidade do país um busto, uma herma ou uma estátua de algum/a representante escolhido/a pela república, já que esse foi o meio utilizado para que o imaginário social seguisse perpetuando na sociedade.

Em várias cidades, desde grandes metrópoles até pequenas de interior, há algum monumento/busto/herma que remete a algum personagem da história nacional que foi heroificado por seus atos. Como nos traz Carvalho:

Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime político que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico” (CARVALHO, 1990, p. 55 apud FERNANDES, 2015, p. 11).

A encomenda de obras que retratassem a história desses personagens heroificados serviriam para mostrar à população, principalmente aqueles que não tinham acesso à instrução, como se deu a história do Brasil, dos tempos da monarquia até a instituição da República, levando a um depreciamento do período monárquico, por conseguinte, desse a entender que a República era a melhor forma de governo para o Brasil e que, antes mesmo, como no caso da Inconfidência Mineira e Revolução Farroupilha, já haviam pessoas que lutaram por uma mudança, pois foi assim que a elite desse regime instaurado viu aquele momento de disputa. Dessa maneira, transformaram Tiradentes em herói nacional para que o povo entendesse que ele teria lutado por uma República, assim como ele, muitos outros foram heroificados.

Esses heróis têm histórias que estão há muito presentes em nosso imaginário social, ou seja, são histórias cristalizadas que tem como objeto de representação monumentos/pinturas, que acabam por retratar momentos/cenários e, cenas que as representantes nacionais queriam que fossem lembradas pelo povo, “num esforço de promover a ‘pedagogia da nação’, construíram-se vários monumentos históricos que evocavam personagens e

fatos históricos marcantes, dignos de registro à posteridade” (FERNANDES, 2015, p. 5), muitas vezes abandonando a história, isto é, são obras exageradas que não representam de forma mais fiel possível o que aconteceu, outrossim, aqueles que governavam o povo não queriam passar uma imagem imperfeita do personagem, pois isso, muita simbologia e exageros foram usadas em representações.

Assim, as obras realizadas pela República foram muito importantes para sua aceitação, muitos monumentos foram erguidos e quadros encomendados para glorificar o novo governo e muitos permanecem presentes na memória popular pelos feitos que as fontes oficiais queriam que soubessem, ou seja, muitos desconhecem os verdadeiros feitos dos homens e mulheres titularizados “heróis”.

Concluindo, o período monárquico já estava sendo ameaçado pelos republicanos, no entanto, o Imperador não queria reconhecer isso, por sua falta de ação, a República pode ser instalada.

Os ideais positivistas e liberalistas foram importantes nesse período, pois foram os principais a tramar a queda da monarquia para a instauração de um governo republicano, para tal precisavam fazer algumas mudanças no projeto político, melhor dizendo, trazer modernidade ao país.

Uma das questões que dificultou a consolidação da República, foi a falta de nacionalismo, nesse intuito, era necessário a criação de identidade nacional, para que fosse desenvolvido o sentimento de pertencimento. Dessa maneira, os ideais positivistas foram de extrema importância, já que foi através deles que o simbolismo foi revivido, o que gerou a construção de monumentos que exaltavam os heróis.

Esses personagens heroificados, eram nomeados pelos líderes do país para glorificar seus feitos em relação ao que desenvolveram para que a República chegasse aonde chegou, assim sendo, obras foram encomendadas pelo governo para que em todo lugar pudessem ver tal imagem e lembrar do que foi necessário fazer para chegar ao país que tinham naquele momento, ou seja, a população sentiria orgulho e se espelhariam, criando um sentimento de pertencimento. Por fim, lembramos que o herói e os simbolismos, foram fundamentais para a criação de memória social, bem como identidade nacional.

O capítulo seguinte trará para conhecimento, a personagem Anita Garibaldi, onde será trabalhada sua biografia e literatura romanceada, contrabalanceando a sua história de vida, lutas e a parte figurada.

3. Anita (Ana Maria de Jesus Ribeiro): biografia e literatura romanceada, nascimento da heroína.

No presente capítulo, será desenvolvida a história de Anita Garibaldi (1821-1849), personagem considerada “heroína de dois mundos”, por ter participado de guerras ao lado de seu segundo esposo Giuseppe Garibaldi (figura 4). Terá como foco central a questão da sua vida divulgada em literaturas romanceadas, bem como, traremos a questão de sua trajetória vista sob um ângulo onde Anita se resume a uma mulher comum, na perspectiva de sua época. Para tal, foram usados os seguintes autores: Souto (2014), Ribeiro (2011-2012), Cadorin (1999), Elíbio Junior (2000), Ronchi (2014) e outros, que tratam da história/representação de vida de Ana Maria de Jesus Ribeiro.

Ana Maria de Jesus Ribeiro (figura 5), com apelidos de Ana, Aninha, também foi identificada por ser filha do Bentão, mas na verdade foi simples e popularmente chamada de Anita. Mãe de Menotti, Rosa, Ricciotti e Tereza—filhos que teve com seu segundo esposo, Garibaldi, é hoje reconhecida como “heroína dos dois Mundos” (Brasil e Itália).



Figura 4: Representação de Anita Garibaldi

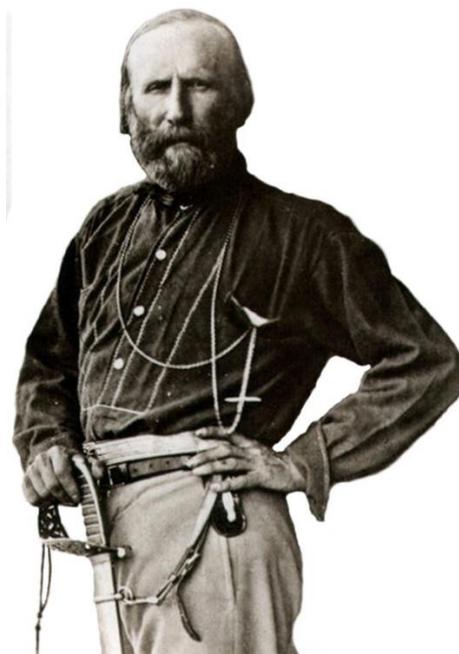


Figura 5: imagem de Giuseppe Garibaldi

Fonte de ambas as imagens: Acervo do Prof. Dr. Sergio Roberto Rocha da Silva.

Anita era de uma família humilde, natural de Santa Catarina— sul do Brasil— e nasceu no dia 30 de agosto de 1821. Não se sabe com precisão em

qual cidade foi seu nascimento, já que não foi encontrada disponibilização de documentos que registrassem esta informação, no entanto, Cadorin trabalha essa discussão:

Em virtude de não ter sido localizado o registro de batizado de Ana Maria de Jesus Ribeiro, diversos pesquisadores brasileiros divergiam sobre a data e local de nascimento. Enquanto a maioria dos historiadores afirma ter nascida em Laguna, outros a pretendiam como nascida em Imbituba, e outros ainda em Lages, onde nasceram dois de seus nove irmãos (CADORIN, 1999, p.29-30).

Ainda hoje, não foram encontrados registros de seu nascimento, mas não se pode negar que muitos dos desfechos de sua vida deu-se em Laguna, por isso, foi recorrido à justiça para que registrassem ela tardiamente como lagunense— Adílcio Cadorin, advogado e fundador da Fundação Anita Garibaldi, foi “o principal protagonista no processo judicial que obteve o reconhecimento da nacionalidade brasileira de Ana Maria de Jesus Ribeiro” (CADORIN, 1999, p. 6)—, o processo foi aceito e então registraram-na. Na citação abaixo, encontramos como se desenrolou essa pauta:

Assim é que após algumas reuniões, foi contemplado com a disposição e confiança de diversas instituições que ingressaram com pedido para que a Justiça reconhecesse oficialmente a nacionalidade brasileira e a naturalidade lagunense de Ana Maria de Jesus Ribeiro, autorizando o seu registro tardio. Foram protagonistas ativos deste processo judicial as seguintes instituições: Câmara de Vereadores de Laguna, a UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina, a Loja Maçônica República Juliana, a Loja Maçônica Tordesilhas, [...]. Montado o processo, foi recebido pelo DD. Juiz de Direito Dr. Renato Muller Bratti, autuado e registrado no Fórum da Comarca de Laguna sob número 040.98.000395-4. Distribuído por sorteio, coube ao Dr. Maurício Fabiano Mortari, da 1ª Vara Civil, a instrução processual. Instruíram o pedido judicial diversas provas, tais como a certidão de casamento de Anita com Giuseppe Garibaldi, que aconteceu na Igreja de S. Bernardino, em Montevidéu, no Uruguai, onde constou Laguna como sendo a cidade de nascimento de Anita. [...] Após as formalidades de estilo, o processo foi remetido ao Ministério Público, tendo o Promotor de Justiça Dr. Rui Vladimir Soares de Sousa exarado seu parecer favorável (6) Finalmente, em 05.12.1998, o DD. Juiz de Direito da 1ª Vara Civil, Dr. Maurício Fabiano Mortari, proferiu sentença favorável, reconhecendo a nacionalidade brasileira, a naturalidade lagunense e autorizando o registro de nascimento tardio junto ao Cartório de Registro Civil da Comarca de Laguna (CADORIN, 1999, p. 30-31).

Ainda na obra de Cadorin encontramos uma passagem onde o autor coloca que ela teria nascido na cidade supracitada:

Ana Maria de Jesus Ribeiro, nasceu em Laguna - SC, no dia 30 de agosto de 1821, depois ficou conhecida como Aninha e mais tarde, como Anita Garibaldi - "A Heroína dos Dois Mundos" (CADORIN, 1999, p.28).

Cabe ressaltar que Cadorn foi um dos principais a recorrer para o processo de naturalização de Ana, ele— como consta na parte sobre o autor em seu livro Anita: a guerreira das Repúblicas— “é um curioso da história do Sul Brasileiro, com maior ênfase aos episódios da história sulista que registraram nas suas lutas contra os centralismos” (CADORIN, 1999, p. 6). Ainda, os relatos a seguir, foram utilizados como forma de comprovar o local de nascimento, a fim de registrar Ana:

Por volta de 1816, Bentão e sua mulher, já conhecida como Maria Bento, foram para Laguna. [...] Nos quinze anos seguintes, o casal teria dez filhos: seis mulheres e quatro homens. Pela ordem, Felicidade, Manuela, Ana Maria, Manuel, Cecília, Francisco, Bernardina, Antônia, João e Salvador. Cinco foram batizados em Laguna, dois em Lages e mais um dado como 'natural de Laguna'. Viveram em várias casas, antes de se fixar no Rincão dos Morrinhos, na margem esquerda do rio Tubarão, na época vinculado a Laguna (Markun, 1999, p. 33).

Anita, por conta de sua situação econômica, casou-se aos 14 anos com Manuel, um sapateiro, pois “com este casamento também viu a possibilidade da tão necessária segurança econômica, [...], também para toda sua família” (CADORIN, 1999, p.48), já que após a morte de Bentão, seu pai, eles viviam em uma situação de dificuldades financeiras substanciais, desse modo, casando-se, ela poderia auxiliar a família financeiramente, vista disso, visava o casório apenas como uma forma de melhorar a sua condição social e de sua família. Sobre seu marido, quase nada se tem conhecimento:

Poucas são as informações sobre o seu primeiro marido. Sabemos apenas que era um homem discreto e trabalhador, exercia o ofício de sapateiro. É provável, também, que lutou durante a Revolução Farroupilha ao lado dos imperiais (ROHDE, 2017, p. 19).

Seu casamento durou até o momento em que seu marido decide se alistar para combater contra os farrapos, foi para a:

Guarda Nacional do Império e se retira da cidade, deixando Aninha com a mãe. O que acontece com Manuel depois – se falece durante a guerra, se volta à cidade, se vive por muito tempo – é desconhecido e não há nenhum documento para comprovar qualquer hipótese (RIBEIRO, 2011, p. 24).

Ana ficou então sozinha em sua cidade, sem notícias do paradeiro de seu esposo, não tendo conhecimento se ele estava vivo ou morto. Nesse momento Anita conhece Giuseppe Garibaldi e posteriormente, em 1860, o italiano relata em seu livro de memórias como foi que avistou Ana:

Da minha carabina no Itaparica, eu dirigia o meu olhar à ribeira. O morro da Barra encontrava-se próximo e, do meu bordo, eu descobria as belas jovens ocupadas nos seus diversos afazeres domésticos. Uma delas atraía-me mais especialmente que as outras [...] (DUMAS, 2011, p. 90 apud RONCHI, 2014, p. 23).

Desde o momento em que se conheceram, Garibaldi e Anita permaneceriam como casal, participando das lutas no Brasil, Uruguai e Itália, até a morte dela em 1849, em solo italiano.

Giuseppe Garibaldi, era um italiano, “nascido em 11 de julho de 1807, não só na casa, mas no próprio quarto em que nasceu Masséna” (DUMAS, 2010, p. 20), na cidade de Nizza, que mais tarde passou a ser dominada pela França, tendo seu nome modificado para Nice (CADORIN, 1999, p. 69). Segundo informações, Giuseppe havia aprendido as façanhas da guerra através de “persistência na busca de seu aperfeiçoamento” (SILVA, 2018, p. 55). No livro escrito de memórias, diz-nos sobre esse processo:

Meu pai não me mandou ensinar ginástica, jogo de armas ou equitação. A ginástica aprendi-a, trepando pelos cabos dos navios, e deixando-me escorregar pelas enxárcias; a esgrima defendendo a minha cabeça e tentando o melhor que podia quebrar a dos outros, e a equitação tomando os exemplos dos primeiros cavaleiros do mundo, isto é, dos Gaúchos (DUMAS, 2010, p. 20).

Garibaldi participou de várias guerras, sendo a principal a de seu país, que lutava pela sua unificação. Ele:

Era ainda menino quando se tornou marinheiro. Aos 25 anos, chegou ao posto de capitão da marinha mercante, e, ao mesmo tempo, aproximou-se do movimento “Jovem Itália”, que lutava pela independência e unificação dos diversos Estados em que se dividia a península Itálica. [...]. Envolvido em conspirações na pátria de origem, condenado à morte, fugiu para a França e Tunísia e, por fim, ao Brasil. Em 1835, desembarcou no Rio de Janeiro, encontrando Bento Gonçalves. A partir desse encontro, a parceria fora criada para o nascimento da Revolução Farroupilha: Bento Gonçalves dominava por

terra e Giuseppe Garibaldi comandava os ataques pelo mar (MANICA, 2012, p. 40).

Foi participando da Revolução Farroupilha que chegou a Santa Catarina, que mais tarde haveria de ser denominada República Juliana, onde conheceu a mulher que faria parte de sua vida.

Anita torna-se conhecida através do livro *Memórias de Garibaldi* escrito por Alexandre Dumas (1860) pelos relatos contados por Giuseppe Garibaldi no qual descreve sua trajetória e, conseqüentemente, traz à tona trechos onde Anita se torna uma personagem principal em sua vida. Ela participou de guerras, como a Guerra dos Farrapos¹⁴ que se desenvolveu no Brasil, partindo do Rio Grande do Sul, participou também de guerras no Uruguai e na Itália.

A história dessa Aninha foi difundida através de Garibaldi, posteriormente foram publicadas várias obras que remetessem a sua vida e feitos. A grande maioria traz uma história romanceada, tratando Anita como uma mulher diferente das demais, fato percebido nas obras *Anita Garibaldi: heroína de dois mundos* (figura 6), escrito por Loredana Frescura e Marco Tomatis (2012), *A Guerrilheira: o romance da vida de Anita Garibaldi* (figura 7), escrito por João Felício dos Santos (1979), *Anita: romance* (figura 8), escrito por Flávio Aguiar (1999), entre outras.

¹⁴ No Brasil do século XIX, diversas foram as lutas contra a Monarquia, a favor da instauração da República. Entre elas, destaca-se a Revolução Farroupilha (1835-45) no sul do país. Os grandes estancieiros, desgostosos com o preço do charque, rebelam-se contra o governador da província. A revolução ganha corpo e novas ideias, abrangendo a causa republicana e a abolição dos escravos (RIBEIRO, 2011, p. 13). Para saber mais sobre a Revolução Farroupilha, consultar: *A Revolução Farroupilha* de Sandra Pesavento (1990); *História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito*, de Jocelito Zalla e Carla Menegat (2011); *Os Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha* de Raul Carrion (2008), entre outros.

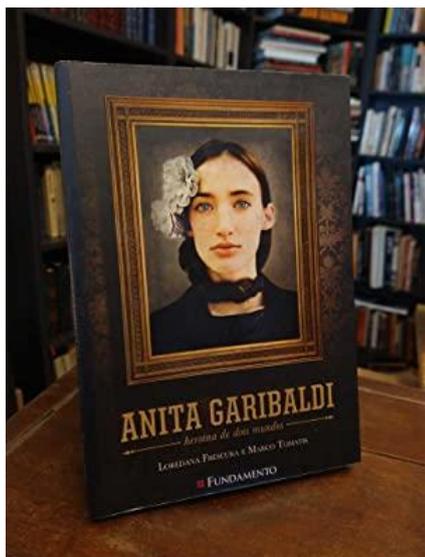


Figura 6: Capa do livro Anita Garibaldi:
heroína de dois mundos

Fonte: AbeBooks¹⁵

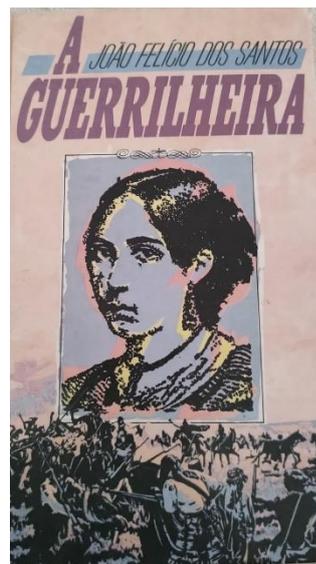


Figura 7: Capa do livro A guerrilheira:
romance da vida de Anita Garibaldi

Fonte: Arquivo pessoal.

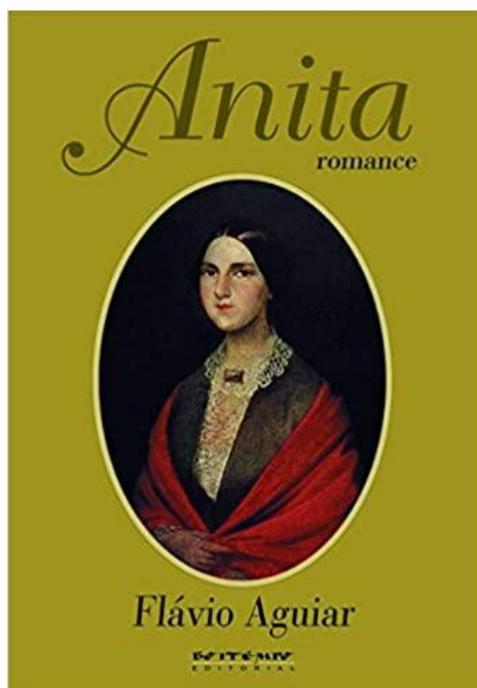


Figura 8: Capa do livro Anita: romance

Fonte: Boitempo¹⁶

¹⁵ Disponível em: <https://www.abebooks.com/book-search/author/tomatis-marco/>. Acesso em: 24 abril 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/anita-274>. Acesso em: 24 abril 2023.

Nas variadas obras que encontramos, Anita sempre se destaca por estar ao lado de seu amado, lutando como um soldado. Observamos que há uma ênfase que é dada ao papel de mãe que ela exerceu, com a menção de que muitas vezes teve de fugir com seu filho pequeno para protegê-lo, sem ao menos poder contar com seu companheiro. Na seguinte passagem do livro das memórias de Giuseppe, nota-se que ele não estava presente neste momento:

Anita doze dias depois de ter tido o seu feliz sucesso, tinha sido obrigada a montar a cavalo, e meio nua, com o seu pobre filho nos braços, tinha sido obrigada a refugiar-se na floresta. **Não encontrei**, pois, no rancho nem Anita, nem os nossos hospedeiros, mas alcancei-os na oureta de um bosque, onde eles se conservavam não sabendo onde se achava o inimigo, nem se ainda tinham alguma coisa a recear dele (DUMAS, 2010, p. 100, grifo nosso).

Retomando sua história, Anita fugiu com Garibaldi abandonando sua família e todo o resto. Foi para a guerra, lutou, fugiu e nesse meio tempo foi mãe. Giuseppe descreve sua amada em seu livro como uma mulher-soldado, valente que não fugia a luta:

Durante o combate, Anita, a cavalo no meio do fogo, era espectadora da vitória e derrota dos imperiais. Foi ela nesse dia o anjo providencial dos nossos feridos, porque não tendo nós nem cirurgião nem ambulância, eram curados, sabe Deus como, por nós mesmos (DUMAS, 2010, p. 97).

Nesse trecho, fica visível que Garibaldi estava idolatrando sua companheira. Ambos participaram juntos de várias batalhas descritas por ele, porém, em nem todas foram vitoriosos. Na batalha de Curitibanos, Anita tornou-se prisioneira e Garibaldi não vai atrás dela para soltá-la, deixando-a para trás a própria sorte:

Sendo capturada pelas tropas imperiais na Batalha de Curitibanos, Anita se separou de Garibaldi, que seguiu fugido em direção ao Rio Grande do Sul; recebendo a notícia de que ele havia morrido, Anita foge a cavalo e reencontra Garibaldi em Vacaria-RS (RONCHI, 2014, p. 23).

Podemos complementar essa citação, com o seguinte trecho:

Ana não compreendeu jamais os motivos pelos quais Garibaldi a teria abandonado, quando ela, escrevendo o seu maior feito na luta “farroupilha” teve, até instantes de maluco heroísmo e coragem, enfrentando sozinha uma soldadesca desordenada e sem consideração à sua qualidade de mulher (ZUMBLICK, 1980, p. 56 apud MANICA, 2012, p. 75).

Percebemos que por mais que ele a idolatrasse e admirasse seus feitos em batalha, colocando essas pautas no livro, pouco fez para o bem de sua amada, deixando-a que por si só saísse das piores situações e assim mesmo, ela permaneceu ao seu lado, “é possível observar a dependência por parte de Anita de seu companheiro Giuseppe. Ela quer estar junto dele independentemente dos desapontamentos que ele venha a lhe causar” (ROHDE, 2017, p. 116), podemos verificar que Ana prefere ficar ao lado de Giuseppe a todo custo.

Nesse fatídico acontecimento, ela já estava grávida e “ainda no Brasil, Anita dá à luz ao seu primeiro filho em 16 de setembro de 1840, no qual dá o nome de Menotti” (RONCHI, 2014, p. 23). Posteriormente, “o corsário percebe que sua participação na Revolução já é pequena” (RIBEIRO, 2011, p. 25) e decide abandoná-la, pede então:

Para o presidente da República do Rio Grande que o liberasse do compromisso com a guerra. Garibaldi recebe, então, novecentas cabeças de gado e alguns bons cavalos de modo a recomeçar a vida no país vizinho (ROHDE, 2017, p. 43).

Partindo para o Uruguai, onde estava acontecendo uma guerra civil, vão para:

Montevideu, onde acontecia uma guerra civil, em busca da emancipação político-administrativa do Uruguai. A chegada da família data dia 17 de junho de 1841, após 50 dias de viagem. Eles eram esperados, pois Garibaldi já havia comunicado a alguns refugiados italianos na cidade a possibilidade de sua mudança para lá e, posteriormente, Garibaldi recebeu apoio da maçonaria, que visava um grande líder para a futura campanha de unificação italiana (RONCHI, 2014, p. 23).

Pós partirem para o Uruguai, e estabelecerem-se em Montevideu, precisariam batizar seu filho, que havia nascido no Brasil, para isso necessitavam consagrar sua relação, no entanto, remetemo-nos a Manuel, seu

primeiro esposo que não havia dado notícias, não era sabido se estava vivo ou morto. Assim mesmo:

Anita o imaginava morto, tendo sucumbido, provavelmente, em um dos muitos combates entre os imperiais e farroupilhas, quando estes sustentavam a ocupação de Laguna. Era a única justificativa que Anita dava ao silêncio sobre seu paradeiro, pois tendo passados diversos anos, ninguém sabia de seu destino. Já haviam mandado investigar em Laguna e as notícias que receberam era de que Manoel Duarte de Aguiar, seu primeiro marido continuava sem dar notícias. Em vão foi procurado registro de óbito, sem o qual Anita não poderia contrair novo matrimônio (CADORIN, 1999, p. 199).

Para conseguirem se casar, precisavam comprovar que ela já estava viúva, já que por anos não teve notícias sobre o paradeiro de seu primeiro marido, pois do contrário, o casamento não poderia acontecer, destarte:

Não lhes restou outra alternativa que não foi informar ao clero de Montevideú ser Anita livre e desimpedida, o que foi feito e aceito mediante o depoimento das testemunhas que firmaram o pacto antenupcial (CADORIN, 1999, p. 200).

Com a “comprovação” das testemunhas, puderam então realizar o matrimônio e “em 26 de março de 1842, Garibaldi e Anita casaram-se na igreja de São Francisco” (SOUTO, 2014, p. 4). Viveram no Uruguai de 1841 a 1848 e tiveram mais 3 filhos:

Em 30 de novembro de 1843 nasce Rosa Garibaldi, que recebe o nome da avó paterna. Dois anos depois, em 22 de março, nasce Tereza Garibaldi. E em 24 de fevereiro 1847 nasce Ricciotti Garibaldi em Montevideú. Uma tragédia, no entanto, acontece no final de 1845: morre a filha Rosa, carinhosamente chamada de Rosita (SANT’ANA, 2021, p. 21).

Em 1848, Anita parte com os filhos para Nice na Itália, onde irá esperar por Garibaldi:

Chegou a Nice em 8 de março de 1848. Garibaldi chegou em 21 de junho. Foi recebido como herói. Em seguida, Garibaldi iniciou a luta contra os austríacos pela libertação da Itália. Num dos episódios dessa luta, Anita, que o acompanhava, grávida do quinto filho, faleceu, em 4 de agosto de 1849, aos vinte e nove anos (SOUTO, 2014, p. 4).

Como é de conhecimento, Anita encontrava-se grávida e doente, “é acometida pela febre tifóide, já fraca por ter passado por tantas gestações e por várias batalhas, não resiste e acaba falecendo” (RONCHI, 2014, p. 26), fica então registrado que “após muito sofrimento, às 19h45 de sábado, dia 04 de agosto de 1849, Anita morreu” (MANICA, 2012, p. 39).

A morte de Anita foi algo bastante comentado, pois a forma que se deu o sepultamento e como seu corpo foi encontrado, causaram estranhamentos na comunidade italiana.

Como Garibaldi estava em fuga, teve que deixar sua companheira a cuidados de outros:

Seu corpo é enterrado às pressas na areia por causa da aproximação do inimigo. Alguns dias depois, uma menina encontra um braço saindo da areia e descobre-se, então, que se trata do corpo da companheira de Garibaldi (RIBEIRO, 2011, p. 815).

Após feita a exumação do corpo e percebem um machucado profundo no pescoço, dando a ideia de que havia sido um estrangulamento:

Observou-se que os olhos estavam salientes e metade da língua para fora, entre os dentes, **além da traquéia rota e um sinal circular em torno do colo**, [...]. Nenhuma outra lesão foi observada na periferia de seu corpo. Constatou-se que faltavam dois dentes molares na parte esquerda da mandíbula superior e outro dente pré-molar na parte direita da mandíbula inferior. Seccionado o cadáver, foi encontrado grávido de aproximadamente seis meses (MARKUN, p. 7, grifo nosso).

Acreditavam que Giuseppe teria matado Ana porque, como encontrava-se enferma e grávida, não conseguiria fugir, já que a situação não permitia que ela saísse correndo quando necessário, o que acabaria atrasando a fuga dos italianos. Por fim, as autoridades retiraram a acusação e decidiram que:

Não houve crime de estrangulamento. O cadáver de “mulher desconhecida” era o de Anita Garibaldi. Morreu grávida, de morte natural. Houve apenas ocultamento de cadáver, que naquelas circunstâncias foi encarada como sendo por razões justificáveis, assumidos pelos que humanitariamente envolveram-se, ou acabaram sendo envolvidos pelos trágicos acontecimentos (CADORIN, 1999, p. 268).

Anita passou por diversos sepultamentos, o último, sendo na Itália, teve como encarregado Mussolini, que construiu um monumento, onde os restos

mortais foram depositados, “foi sepultada sete vezes e seus restos mortais estão, hoje, depositados sob um enorme monumento da Colina do Gianicolo, em Roma” (SANT’ANA, 2021, p. 25).

Assim é conhecida a história de vida de Anita que foi representada em diversos livros, tanto bibliográficos, como românticos. Os livros mais conhecidos que retratam Ana (sempre de uma forma heroica) são: *Anita Garibaldi, a mulher do general*, escrito por Anita Garibaldi (1989), *Anita Garibaldi: uma heroína brasileira*, de Paulo Markun (1999), *Anita Garibaldi: heroína por amor*, escrito por Valentim Valente (1949)¹⁷ e *Anita Garibaldi*, de Wolfgang Ludwig Rau (1975). Todos esses livros (entre muitos outros), trazem para contexto a história de Ana Maria de Jesus Ribeiro sob uma forma de idolatria, com seus exageros comuns.

3.1 Anita Garibaldi: uma heroína?

Anita tem sua versão de história de vida contada a partir dos relatos que Garibaldi dá em seu livro de memórias:

A história de Anita Garibaldi é marcada pela escrita desde o princípio, já que é pelo relato de suas memórias que Garibaldi edifica a primeira imagem de sua companheira, provavelmente não como deveria ter sido, mas sim como ele queria que ela fosse lembrada. Cada pessoa ou grupo que revivificou a memória de Anita teve um objetivo específico e deixou marcado na escrita a imagem que mais lhe convinha (RIBEIRO, 2012, p.3).

Dessa maneira, cabe sempre um estranhamento à obra, já que, “escritores e historiadores, nessa modalidade de romance histórico, unem-se a fim de apresentar ou retomar o passado, na maioria das vezes, para exaltar seus heróis” (FLECK; ROHDE, 2017, p. 132), ao não deixar relatos documentados enquanto viva, não há possibilidade de descrever sua jornada o mais próximo do real, não havendo registros que comprovem aqueles trechos narrados por Giuseppe ou então por qualquer outro autor, poderiam eles dar a vida a personagem da forma que melhor lhe convém.

Ana Maria de Jesus Ribeiro, foi uma mulher que nasceu e viveu no século XIX, pode-se dizer que era um período em que mulheres não tinham uma série

¹⁷ Um panorama geral desses textos pode ser encontrado no trabalho de Fernanda Aparecida Ribeiro (2011), referenciado no final do trabalho.

de direitos, tão pouco eram levadas a sério e respeitadas quando consideradas adúlteras, dessa forma:

O século XIX, não via com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerra. As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de idéia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair (TELLES, 1997, p. 407 apud ELÍBIO JUNIOR, 2000, p. 21).

Para complementar:

No Brasil, a história de Anita permanece praticamente oculta no século XIX porque ela é uma mulher que infringiu as regras da sociedade patriarcal vigente na época para se amasiar com um revolucionário – o que se tornou uma dupla transgressão: Garibaldi, além de não ser o seu marido, era um homem que queria romper com a monarquia (RIBEIRO, 2012, p. 2).

Sabe-se que ela foi casada e que seu marido tinha se alistado para combater ao lado dos imperialistas, dessa maneira, ficando ela sozinha na cidade. Foi nesse momento em que conheceu e se apaixonou por Garibaldi, corsário italiano que estava a lutar ao lado dos republicanos, assim, quando ele teve que partir não caberia a ela permanecer na cidade, onde seria mal vista pela sociedade, já que tinha se envolvido com outro homem enquanto casada. Pode-se dizer que a melhor escolha naquele momento seria acompanhar Garibaldi na luta que estava envolvido.

É perceptível que Anita estava muito envolvida, melhor dizendo, estava apaixonada, sendo essa também uma das causas que fez com que seguisse Giuseppe, assim, Rau traz em um parágrafo a seguinte passagem:

(...) somente o amor é que lhe dá forças imprevisíveis, para sublimar o seu “ego” e encher-se de coragem, mental e física, para ajudar o amado na luta desempenhada, e até assumindo, ela própria, tremendas responsabilidades. É somente o amor que faz a mulher não recuar diante de nenhum perigo, por medonho que seja, até o supremo sacrifício da vida, ainda mais quando ao lado do homem que a conquistou e a realizou, e de quem, em assim procedendo, será sublime ventura. A mulher apaixonada tudo fará para merecer o amado e para conservá-lo. Venerando-o, far-se-á venerada, por ele mesmo e também por aqueles que testemunham seus feitos de todo inesperados e surpreendentes. (...) Anita, soube unir a um admirável amor conjugal a Garibaldi, o heróico amor a causa da Liberdade!! (RAU, 1986, p. 23 apud ELIBIO JUNIOR, 2000, p. 52).

Além da passagem de Rau, a obra de Alicia Dujovne Ortiz (figura 9): *Anita cubierta de arena* (2003), encontramos uma outra forma de descrição, ou seja, um novo olhar sobre a fonte primária, que traz a personagem Anita como uma mulher apaixonada, que tudo faria para acompanhar seu amado:

Anita é apresentada como mulher apaixonada, mãe acolhedora e também como mulher atuante em batalhas. Contudo, toda a motivação apresentada para que a personagem atue como guerreira centra-se no sentimento que ela nutre por Giuseppe Garibaldi e não em uma possível ideologia mantida por parte dela (FLECK; ROHDE, 2017, p. 133).

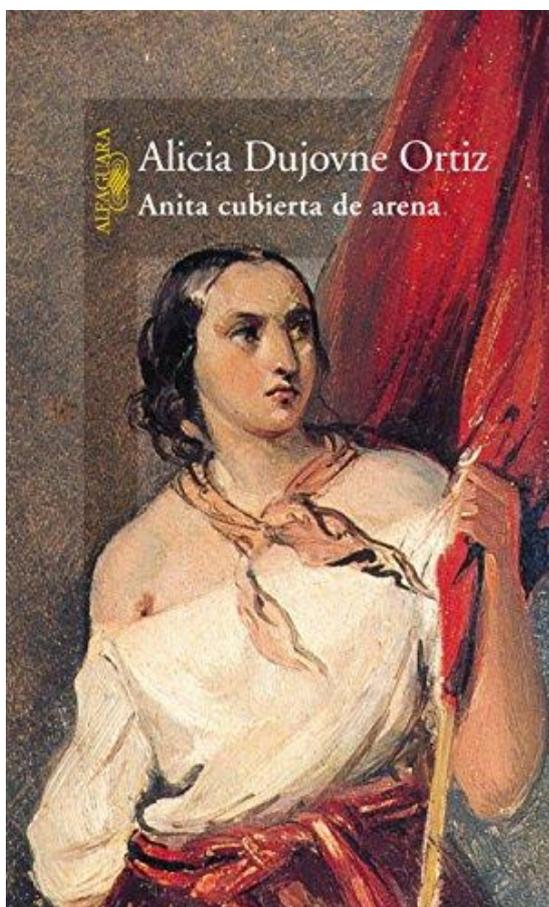


Figura 9: Capa do livro Anita Cubierta de arena

Fonte: AbeBooks¹⁸

Ainda, “não há, por parte de Anita, a possibilidade de questionar seu sentimento pelo marinheiro italiano Garibaldi. [...], é o seu amor por Giuseppe

¹⁸ Disponível em: <https://www.abebooks.com/anita-cubierta-arena-Dujovne-Ortiz/30799684525/bd>. Acesso em: 24 abril 2023.

que a motiva a voltar para os combates e estar junto dele” (FLECK; ROHDE, 2017, p. 127). Podemos dizer que esse revisionismo, da história heroica, não pode passar despercebido, já que, ao se apaixonar por Garibaldi, ficar sozinha em sua cidade não seria uma opção, por conta de todo o preconceito que passaria. Dessa maneira:

Ao contrário do que as obras históricas normalmente relatam, afirmando que Anita Garibaldi é uma heroína que luta pelos ideais republicanos e que combate ao lado de seu companheiro por razões humanitárias, a narrativa descreve uma mulher preocupada com seu homem e que, se enfrenta a guerra, é por causa dele e não pelas razões pelas quais ele combate (RIBEIRO, 2012, p.5).

Ir embora com Garibaldi seria um meio de fugir de todos os julgamentos e participar das lutas seria uma forma de mostrar seu amor pelo corsário, não importando as causas pelas quais haveriam de lutar, a ela, o que importava era estar junto dele.

Podemos verificar que Anita permanecia nas lutas por Garibaldi, no seguinte trecho:

Na narrativa, observa-se que Garibaldi realmente se encantara com Anita, mas, com o passar do tempo, já que ele era aventureiro e “mulherengo”, cansara-se da jovem; entretanto, a jovem Ana Maria insiste em ficar com ele, passando, então, por muitos desafios e privações (ZUMBLICK, 1980 apud MANICA, 2012, p. 44).

Deste modo, podemos perceber que, mesmo passando por situações que a degradassem, permaneceria com seu companheiro por dependência emocional.

Mesmo que tenha participado de diversos combates, “não há registros sobre Anita na documentação farroupilha conhecida, sendo as memórias de Garibaldi a primeira fonte a mencioná-la como heroína” (BREGANTIN, 2018, p. 32), além desse relato, é fato que:

A biografia de Anita é muito melhor documentada a partir do momento em que ela se une a Garibaldi. Até então, temos registros de batismo, fatos registrados por Garibaldi em suas memórias e relatos de memória oral. Esses últimos são pouco confiáveis. Surgiram quando Anita ficou famosa no início do século XX. Era pouco provável que alguém que a conheceu pessoalmente estivesse vivo nessa época (SOUTO, 2014, p. 4).

Sendo assim, por mais que existam documentações de sua vida posterior ao momento em que se relaciona com Garibaldi, é necessário ter ciência de que, as fontes podem ser interpretadas de diversas formas, ou seja, as fontes orais, por exemplo, podem adquirir um caráter de afeição daquele narrador, por haver sentimento de orgulho, admiração, uma narrativa pode ser engrandecida, não dialogando com a realidade histórica, a qual se é esperada.

A história de Anita só ficou conhecida após a Proclamação da República (1889), momento esse em que os republicanos buscam heróis da pátria para legitimar sua ascensão:

Entre tantas biografias, sem nenhum consenso e com muitas fontes tidas como pouco confiáveis, acredita-se que, de um modo ou de outro, as construções de Anita, até meados do século XX, teriam um único propósito: o de desenvolver o projeto de nação ao qual o governo se propunha, usando da imagem de Anita, construindo-a a partir dos moldes de amor à pátria e heroísmo, valores que ajudariam a propagar a ideia de identidade nacional entendida como a mais correta para o período. (BREGANTIN, 2018, p. 52)

Anita, em várias descrições tem seu lado maternal idolatrado, sendo abandonado a participação nas lutas, podemos ver isso no artigo da Equipe Verde Oliva do Exército Nacional:

Entretanto, os maiores atos de bravura de Anita não foram em combate, mas em ser exemplar mãe e esposa, sempre acompanhando seu marido onde quer que fosse. Uma catarinense humilde, um bravo soldado, uma mãe amorosa e uma esposa fiel e dedicada, conforme citações do próprio Garibaldi, em suas memórias, escrita por Alexandre Dumas (VERDE OLIVA, 2017, p. 74).

Aqui podemos verificar como a parte política/governamental repassava sua imagem, para eles, o ato heroico seria ser uma boa mãe e esposa. O governo, ao intitular heróis, buscavam trazer para a biografia apenas as virtudes, ou seja, fatos que envergonhassem os personagens deveriam ser excluídos ou desmistificados, dessa maneira:

Enquanto a República moldava a imagem de Anita como a mulher dos sonhos republicanos, os historiadores buscavam subterfúgios para ocultar o fato de que, quando seguiu Garibaldi, ainda estava casada com o primeiro marido, algo que o próprio Garibaldi havia dado a entender nas entrelinhas de suas memórias (BREGANTIN, 2018, p. 35).

Elíbio Júnior dialoga com esse relato:

A profundidade popular da imagem de Anita não alcançava o imaginário da população da capital da República, Rio de Janeiro centro das decisões políticas. Neste caso o esforço pela criação e difusão das representações sobre Anita Garibaldi não teriam tanto êxito, já que Tiradentes respondia a algumas necessidades da aspiração coletiva e Anita teria um certo vazio social na região central do país (ELÍBIO JUNIOR, 2000, p. 28).

Pode-se dizer então que, a República não via em Anita o que precisava para usar como figura unificadora, não estava a altura para ser utilizada como tal, outrossim, Souto comenta, sobre o processo de reconhecimento dela como heroína, que:

A Proclamação da República não mudou muito esse panorama. A colonização italiana o fez. Nos primeiros anos do século XX, as levas de italianos que chegaram ao Brasil nas décadas anteriores já constituíam um grupo sólido, importante dos pontos de vista econômico, social e político. Era necessário um elo entre a comunidade italiana e brasileira. Foi então descoberto Garibaldi como herói farroupilha (SOUTO, 2014, p. 2-3).

Como o nacionalismo estava vigente após a queda da monarquia, era necessário que todos as pessoas residentes no Brasil, fizessem parte do todo:

Nação é a comunidade de cidadãos de um Estado, vendo sob o mesmo regime ou governo e tendo uma comunhão, de interesses; a coletividade de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns, subordinadas a um poder central que se carrega de manter a unidade do grupo (PELAYE, s/a apud HOBBSAWM, 2016, p. 28).

Por conseguinte, as massas estrangeiras que se encontravam espalhadas pelo Brasil, necessitavam também de algo que ligassem os dois povos:

Nas comunidades de imigrantes que se espalharam no mundo todo a partir da formação do Estado Unitário, a defesa e a consolidação de uma identidade coletiva italiana tornaram-se um objetivo central para evitar a dispersão ou isolamento, até mesmo político, do próprio grupo étnico. Mais ainda, a nacionalização das massas imigrantes fazia-se necessária para contrastar o risco de uma rápida assimilação nos lugares de acolhimento (RUGGIERO, 2021, p. 17).

Para o processo de unificação de italianos, o nome de Garibaldi foi escolhido pois além dele fazer parte da história italiana, também havia feito do Brasil, ao lutar na Revolução Farroupilha, em vista disso, sua companheira, Anita Garibaldi, seria a peça-chave de união, pois sendo brasileira e atuado ao lado de Giuseppe na luta pela República no Brasil, representariam a família ítalo-brasileira, diante desse panorama, no Rio Grande do Sul, os grupos italianos decidiram presentear o Estado com “um monumento onde as figuras lendárias de Garibaldi e Anita pudessem atestar a afinidade étnica e histórica que ligava **com vínculo de amor e de sangue**, italianos e rio-grandenses” (CROCETTA, 2000, p. 407 apud RUGGIERO, 2021, p. 20, grifo nosso). O monumento destinado ao casal, passaria a ter uma simbologia além daquela da representação, seria uma firmação de irmandade entre os dois povos, os dois países.

A “heroína” só teria sido reconhecida como tal por questões políticas de unificação— união entre brasileiros e italianos no país— e principalmente porque estava relacionada com o nome de Giuseppe Garibaldi, homem que era reconhecido por seus compatriotas. Dito isso, Ana seria uma persona usada para designar a união entre os dois países, mas remetendo-se sempre a seu companheiro, ou seja, não havendo reconhecimento legítimo por si só.

Finalizando, Anita é um assunto bastante explorado, teve sua história documentada em muitos livros, tanto biográficos quanto românticos, também há filmes como: *A retirada*, produzido por Rolando Christian Coelho (2006); *Anita* (figura 10), produzido por Rolando Christian Coelho (2016) e *Anita e Garibaldi* (figura 11) com a edição de Alberto Rondalli (2013), que retratam sua história na Revolução Farroupilha, sempre visando uma espécie de glorificação, além disso, sempre é lembrada como a esposa e mãe.

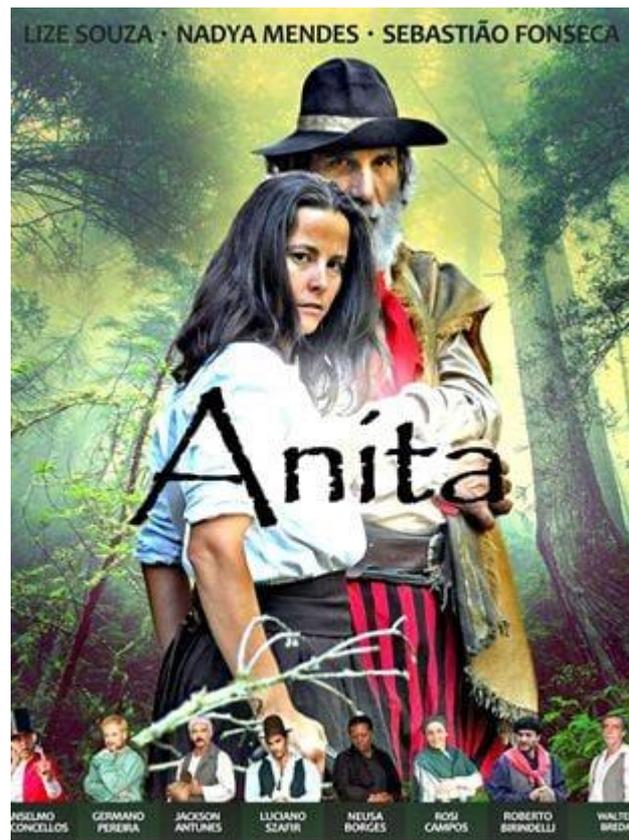


Figura 10: Divulgação do filme Anita

Fonte: Adoro Cinema

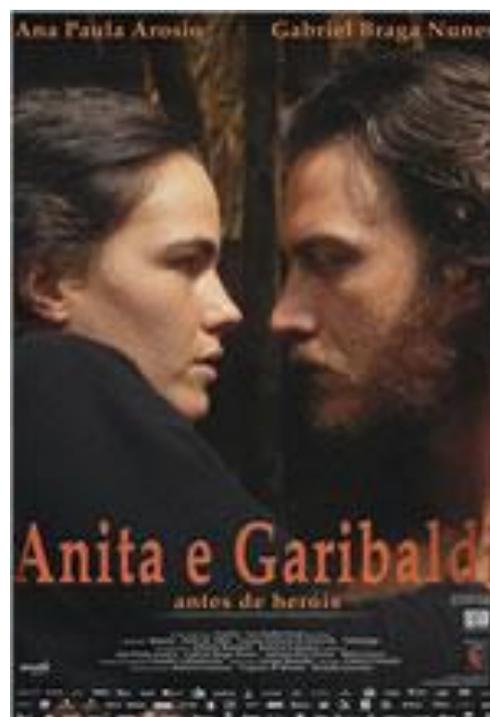


Figura 11: Divulgação do filme Anita e Garibaldi.

Fonte: Cinema 10

Ana Maria de Jesus Ribeiro ficou conhecida mundialmente por Anita, alcunha dada por Giuseppe, sendo esse o mais referenciado em todas as obras, sendo afamada somente após a publicação do livro das *memórias de Garibaldi*, além disso, só foi consagrada na história brasileira por conta dos italianos que deram visibilidade a ela por estar vinculada a Giuseppe, seu marido italiano, que lutou pelas causas de unificação italiana.

Posteriormente, o terceiro capítulo visará trazer como tema para contextualização o monumento e a pintura, como foram utilizados, produzidos e reproduzidos, fazendo uma análise do monumento a Anita e Garibaldi— obra de Filadelfo Simi (1913) — e a pintura A fuga de Anita Garibaldi a cavalo— 1917/1918 de Dakir Parreiras.

4. Monumento e pintura como consagração republicana

Neste capítulo será desenvolvida a relação da arte e a realidade história, trazendo para conhecimento como se dava o processo de uso de monumentos e pinturas para cristalizar a história oficial dos denominados heróis. Na sequência será feita uma análise e descrição das obras objetos deste estudo que remetem a Anita Garibaldi, sendo elas: monumento à Anita e Garibaldi (monumento de Filadelfo Simi, exposto em Porto Alegre em 1913) e o quadro A fuga de Anita Garibaldi a cavalo (pintura de Dakir Parreiras, que se encontra no museu de Piratini, produzida em 1917/18).

4.1 Monumento e pintura: produção, ressignificação e apropriação

O período republicano para a sua consolidação usou de obras artísticas e para tal, muitas das vezes, apropriou-se de personagens já conhecidos para beneficiar-se de sua conduta frente à monarquia para exemplificar os ideais republicanos. Como informa Carvalho:

Apropriar-se de um passado enaltecido na memória coletiva de um país e, através dessa apropriação, construir um discurso que sirva para outros fins, é uma prática adotada no mundo inteiro (CARVALHO, 2006, p, 12).

O novo governo instaurado utilizou do método de apropriação para sua solidificação, ainda:

As ideologias, por oposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado servem a interesses particulares que tendem a se apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para integração real da classe dominante (...); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto a desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 1989, p. 10, grifo nosso).

Os republicanos usaram das memórias já vigentes de alguns personagens históricos e buscou pontos de identificação para buscar convencer a população das ideias que queriam repassar clara e objetivamente, para que

não houvesse chance do povo refutar o que estavam impondo (CARVALHO, 2006, p. 12-13).

Como aponta Carlos (2017, p. 29), “cada sociedade produz seu espaço, expressando sua função social, determinando os ritmos da vida, os modos de apropriação seus projetos e desejos”, assim sendo, o governo, para o período, visava uma sociedade homogênea, mantendo unido o que já estava e ligando o que se encontrava fora. Para que se mantivesse firme a nacionalização, heróis foram utilizados de diferentes maneiras nesse processo, pois:

Do ponto de vista da população que vivia no território do Brasil do século XIX e especulando se ela se considerava parte de uma mesma “nação” ou de uma mesma “ninhada”, basta lembrar que se espalhavam movimentos rebeldes, ou mesmo “separatistas”, de outras regiões em relação ao centro-sul ou, mais especificamente, à Corte. Isso nos parece o suficiente para começar a entender que, para o Brasil, enquanto um Estado pluriétnico, um significado de nação mais político do que étnico, ou o conceito de nacionalidade que unisse os dois, [...], seria útil na legitimação de um nascente Estado Nacional brasileiro (JARDIM, 2014, p. 69).

Foi feita, então, apropriação de figuras já conhecidas, como Joaquim José da Silva Xavier, por exemplo, que foi um dos participantes da Inconfidência Mineira que “remete a ideais de liberdade, heroísmo e idealismo, que nem sempre são dirigidos ao movimento inconfidente como todo, mas, principalmente, a Tiradentes” (CARVALHO, 2006, p. 12). Além das apropriações, houve a ressignificação desses, bem como de sua história de vida, assim sendo, “os propagandistas da República utilizaram da literatura e do imaginário popular para pintar o herói cívico, o mártir” (ELIBIO JUNIOR, 2000, p. 27). Os republicanos escreviam a biografia do nomeado herói, aquele que seria representado em monumentos ou quadros, deixando-o com uma vida limpa, sem erros, como se essa representação republicana nunca houvesse feito escolhas erradas em toda sua existência, pode-se dizer que:

As obras publicadas no início do século XX, por membros de Institutos Históricos, correspondem a esta finalidade, pois se pretendia uma história nacional escrita sistematicamente e de forma oficializada e reconhecida (ELÍBIO JUNIOR, 2000, p. 29).

Postumamente, quando escolhida a figura que seria nomeada como herói e feita uma biografia exemplar, começavam a produzir diversas obras que o

mostrariam à população, sendo esse concebido como imaculado, forte, inigualável, melhor dizendo, essas artes expressariam aquilo que o governo gostaria que fosse passado ao povo, pois essas obras têm:

Vocação declarada de preservar a memória, têm sempre caráter político, na medida em que a memória é instrumento político, capaz de criar identidades, de produzir um discurso sobre o passado e projetar perspectivas sobre o futuro (HEYMANN, 2005, p. 9).

Monumentos e pinturas buscavam trazer uma realidade histórica, porém, muitas vezes, detalhes das vidas das figuras representadas eram suprimidos ou então reinterpretados para que no imaginário social perpetuasse as melhores partes que serviriam de exemplo, pois republicanos acreditavam que se houvesse algo que manchasse a imagem do representado, seria facilmente difundida ao invés das coisas boas que teria feito em prol de uma sociedade melhor e moderna. No entanto, devemos destacar que:

Em todo mundo são celebrados os heróis nacionais e se faz necessária manter viva a memória destes, uma vez que na história de um país está sua força política e é reativando o respeito por fatos gloriosos do passado nacional que se mantém o sentimento patriótico e se legitimam ações (CARVALHO, 2006, p. 11).

Obras para representação e consagração de governos tinham como intenção também a:

Construção dos legados, tomaria a forma do esforço de produção da trajetória exemplar, cuja narrativa não apenas confere sentido a acasos e descontinuidades, mas também estabelece marcos, periodiza [...] (HEYMANN, 2005, p. 5).

A República, assim como as outras nações do mundo, buscou:

Fortalecer a identidade nacional apelando ao patriotismo com o trabalho de figuração em imagens alusivas ao pretendido passado comum, aos mitos de origem e de fundação, aos heróis venerados e, enfim, ao processo histórico da nação (SALGUEIRO, 2002, p. 5).

Nesse período, a apropriação, ressignificação e produção de heróis, monumentos e pinturas foi de grande valia, pois seria assim que se criaria a nação tão sonhada, pois:

A construção da nacionalidade brasileira exigia o estabelecimento de um conjunto organizado de lugares arquitetônicos que funcionassem como uma narrativa signífica da trajetória imaginária da nação (SILVA NETO, 2022, p, 160).

4.2 Herói e Arte: relação com a realidade histórica.

A arte sempre esteve presente nas sociedades, as pinturas se remetem desde os tempos dos primeiros homens que, em cavernas registravam suas vitórias e perdas, sendo essa, uma forma de comunicação que se perpetua até o presente, sendo utilizada para registrar os acontecimentos de seu cotidiano. A arte rupestre¹⁹ é o exemplo principal desse período:

Acredita-se que a arte rupestre tenha surgido no Paleolítico superior, entre 40.000 e 11.000 anos AP (Antes do Presente), no seio de grupos humanos que dominavam o fogo, possuíam tecnologia diversificada de produção de instrumentos de pedra lascada e que, em termos de constituição física, eram semelhantes ao homem moderno (VIANA; BUCO; SANTOS; SOUSA, 2016, p. 2).

As artes rupestres, são símbolos que tem um significado importante, pois a partir dessas fontes podemos perceber a forma de gravuras e comunicação que utilizavam naquele período, para a produção dessa arte:

São utilizados dois métodos: o gravado, que compreende técnicas diversas de remoção ou abertura da superfície rochosa, a exemplo da picotagem e da abrasão; e o pintado, representado por técnicas de adição de pigmentos de cores distintas, secos ou pastosos, através de pincéis, dedos, sopros ou carimbos. (VIANA; BUCO; SANTOS; SOUSA, 2016, p. 2)

Para as sociedades emergentes, não foi diferente. A pintura com o passar dos anos veio se desenvolvendo e ganhando espaço pelos países e sociedades sem deixar de lado a sua importância. Para as nações, ela desenvolveu papel primordial pois era um meio de registrar a história para que servisse de exemplo para o futuro. Nos séculos XIX e XX, esse meio artístico vinculado ao culto das nações fez com que muitas obras que representassem o período de

¹⁹ Entende-se por arte rupestre as “representações do homem pré-histórico, sobre as rochas. Nessas pinturas se incluem gravuras e pinturas, cujos materiais mais usados são o sangue, saliva, carvão, extratos de folhas, barro entre outros” (BRITTO; DENADAI; CORDEIRO; ANSELMO, 2014, p. 3).

independência fossem retratadas, “os pintores [...], elegeram as independências políticas das ex-colônias como um dos principais temas históricos a serem retratados” (PRADO, 2008, p. 17).

Posteriormente, como no caso do Brasil, era necessário que algo vinculasse os diferentes povos das várias regiões, assim sendo:

História, política e pintura se entrelaçavam de forma simbiótica. Arte e política estabeleciam diálogos constantes em torno da nação que se apresentava, aos contemporâneos, como questão inescapável. Construir as nacionalidades. Despertar no “povo” o sentimento de lealdade à Pátria.¹ Consagrá-la como entidade superior aos desejos e interesses individuais. Escrever a História das novas nações, identificar e dar forma a seus heróis (PRADO, 2008, p. 17).

Esse meio marcava acontecimentos importantes, como no período renascentista²⁰, palco de grandes produções artísticas:

Trabalhando ora o espaço, na arquitetura, ora as linhas e cores, na pintura, ou ainda os volumes, na escultura, os artistas do renascimento deram aos seus trabalhos equilíbrio e elegância, procurando, juntamente com os temas religiosos, explorar a mitologia e as cenas do cotidiano (GODINHO, 2012, p. 4).

Pode-se dizer que, a arte representa sempre o período da sociedade em que se está trabalhando e:

Para atingir o público ganhou espaço conforme se ampliaram a própria idéia de público e o tamanho do Estado. Em prédios públicos, amplas paredes vieram abrigar uma ação didática sobre a consciência coletiva no plano simbólico, visando a despertar o sentimento patriótico (SALGUEIRO, 2002, p. 5).

As várias formas artísticas, nem sempre trazem a realidade histórica em sua estrutura, geralmente, trazem uma imagem que faz com que a representação ficará fixada nas memórias sociais:

É sabido que os poderes políticos e as religiões com frequência **utilizaram a pintura como um meio de persuadir e de alcançar maior prestígio**, e podemos traçar essa ligação desde o Oriente

²⁰ Pode-se dizer que o “renascimento significa um grande movimento de mudanças sociais, culturais e científicas, que atingiu as camadas urbanas da Europa Ocidental entre os séculos XIV e XVI, [...] caracterizado pela retomada dos valores da cultura clássica greco-latina (GODINHO, 2012, p. 6).

antigo, quando as artes exaltaram os faraós em pinturas murais (SALGUEIRO, 2002, p. 4, grifo nosso).

Para tal, o uso de símbolos e signos são importantes, pois constituem a parte principal que leva a imagem ao entendimento de forma ampla, assim, a sociedade consegue compreender a intenção dos patrocinadores das obras. No entanto, por ser uma representação não condiz com os fatos, melhor dizendo, mostram algo que gostariam que acontecesse, que alcançasse o cerne do imaginário.

O surgimento de heróis nacionais para a moralização cívica foi caracterizado também através de meios artísticos. A figura do herói é vista sempre como alguém que foi grandioso, perfeito, “um homem extraordinário pelas suas qualidades guerreiras, triunfo, valor ou magnanimidade” (VALLE; TELLES, 2014, p. 1), que sem ele não teriam chegado ao ponto principal. O herói ao qual nos destacaremos a escrever será baseado no que Sidney Hook designa como:

O herói, na História, é um indivíduo a que podemos com justiça atribuir influência preponderante na determinação de um desfecho ou acontecimento cujas consequências teriam sido profundamente diferentes se ele não agisse (1962, p. 130 apud SILVA, 2018, p. 24).

Se o indivíduo qualificado como herói, mesmo tendo participado de combates, guerras, batalhas, fosse dispensável para o rumo que tomou tal enlace, ele não deveria receber o título de herói, pois, não passaria de alguém como qualquer outro que participou.

O *status* de heróis surgiu no Brasil para a consagração da Primeira República (já trabalhado no capítulo 1). Toda República utiliza desse atributo para sua própria consagração, ressignificando personagens que haviam participado de algo que fosse contrária à monarquia, isso no final do século XIX até meados do século XX. Tendo, os governantes, como objetivo:

Constituir uma gama de exemplos e valores que deveriam formar o cidadão novo, em conformidade com os ideais do regime, a saber, o patriotismo, o nacionalismo, a obediência à ordem e o sacrifício pelo Brasil, bem como: buscar no passado as respostas e as formas de agir em uma dada conjuntura no presente. Isto seria realizado pelos usos políticos do passado e pela construção de uma memória histórica (PAIXÃO, 2016, p. 587).

O herói então, trata-se de um meio que o governo buscou para usar como um exemplo para um processo de moralização, fazendo com que os cidadãos pudessem desenvolver, assim como aqueles que estavam sendo referidos como principais para a chegada do novo período de governabilidade, um amor pelo seu país, sendo esse o nacionalismo, que dava a ideia de pertencimento para todos, ou seja, o Estado utilizou de “personagens do passado, transformando-os em heróis, para responder demandas conjunturais, difundindo exemplos comportamentais úteis ao status quo” (PAIXÃO, 2016, p. 589).

Sobre o herói, podemos destacar dois tipos: o nacional e o sintético. Sobre o nacional, pode-se dizer que:

O herói nacional é a personagem da história de um povo que lutou em prol de seus cidadãos e praticou atos de autossacrifício pelo seu país e trabalhou em um grande feito no campo de batalha, ou ainda numa força de trabalho (VALLE; TELLES, 2014, p. 6).

E ainda, para o tipo nacional:

Podemos seguramente entender [...] como uma categoria particular [...], cujos contornos fundamentais são os que fazem de si um reflexo da ‘alma’ da nação. Tal como essa essência, simultaneamente intangível e imutável, também [...] deve transcender a sua singularidade encarnando o que se acredita serem os valores perenes da nação que representa (CUNHA, 1995, p. 1).

O herói nacional será aquele que realmente lutou pela sua nação, não importando a situação. Já o herói sintético, pode ser descrito como algo superficial/artificial, ou seja, sendo o contrário do supracitado, remete-se aquele que vai à luta, mas não pela melhoria da situação de sua sociedade, que não tem um sentido ideológico por trás dos combates que participa, que aparece unicamente por conta de outros personagens, ou seja, que não se destacam por conta própria, melhor dizendo, são produtos criados para atingir algum fim:

Não será aquele que se torna herói na trajetória em vida, mas sim após sua morte. O principal meio de fabricação será via propaganda e discurso, mesmo que o eleito nunca tenha se destacado na sociedade em que viveu. Ele nada mais é que um instrumento da vontade de um grupo, que desenvolve as intenções de outros indivíduos que o criaram por puro interesse (HOOK, 1962, p.140 apud SILVA, 2018, p. 24).

Para melhor exemplificar, é importante saber que “por ser parte real, parte construído, por ser fruto de um processo de elaboração coletiva” (CARVALHO, 1990, p. 14), ele não tem em si uma verdade histórica, trata-se de uma concepção dos poderes em vigor. O herói é uma criação ideológica que visa enfatizar ideais que o período do governo exige, assim sendo, exprimem a memória criada pelo regime vigente. Como diz-nos ainda Carvalho:

Os heróis surgiram quase espontaneamente das lutas que precederam a nova ordem das coisas. Em outros, de menor profundidade popular, foi necessário maiores força na escolha e na promoção da figura do herói (1990, p. 55).

Referente a essas discussões, podemos destacar Anita Garibaldi como uma “heroína” sintética, já que só foi reconhecida como tal após sua morte e na conjuntura já exposta aqui neste estudo, melhor dizendo, no Brasil só teve visibilidade após a Itália designá-la como uma figura heroica e principalmente depois da publicação do livro de Giuseppe Garibaldi²¹ que traz relatos de suas vivências.

4.3 Quadro A fuga de Anita Garibaldi a cavalo: contexto, descrição e análise

A instalação de uma República no país, levou a significativas mudanças no geral, abarcando as artes também. Essas, além de servirem como uma decoração, passaram a ter intuito de representar/significar grandes acontecimentos, sendo usada para mostrar o quão moderno e melhor era o novo tipo de governo.

Trata-se de uma obra:

Centrada em acontecimentos históricos específicos como alternativa para justificar o novo regime que se estabelecia no poder e, além disso, fortalecendo o sentimento de pertencimento nacional através da negação do passado imperial (OLIVEIRA, 2011, p. 42).

²¹ Memórias de Garibaldi, escrito por Alexandre Dumas e publicado originalmente em 1860 e depois traduzido em várias línguas, existindo diversas edições.

O uso dos meios artísticos, teria um propósito oficial, ou seja, serviria como uma manobra para a questão de identificação nacional, ainda, a pintura deveria “(...) construir a versão oficial dos fatos, maximizar o papel dos atores principais e minimizar o acaso nos acontecimentos, fabricando novos heróis” (CHRISTO, 2009, p. 1160 apud OLIVEIRA, 2011, p. 43).

Os republicanos utilizaram de todos os meios que a eles fossem possíveis alcançar para lançar seu ideal para a sociedade e que esse fosse aceito, para isso, as formas artísticas foram utilizadas com o objetivo principal de esquecer o passado monárquico e elaborar uma nova identidade através dos heróis representados:

Em muitos lugares do mundo buscou-se a identidade nacional apelando ao patriotismo com o trabalho de figuração em imagens alusivas ao pretendido passado em comum, aos mitos de origem e de fundação, aos heróis venerados e, enfim, ao processo histórico da nação (SALGUEIRO, 2002, p. 5).

As obras eram encomendadas para a representação, ou seja, era uma forma simbólica de mostrar ao público através das artes os acontecimentos que foram necessários para que o processo de instauração da República fosse possível. Dessa maneira, Borges de Medeiros, governador do Rio Grande do Sul e seguidor do ideal positivista, encomendou quadros para a decoração do Palácio Piratini, essas serviriam para mostrar a população os exemplos a serem seguidos:

Borges de Medeiros encomenda do carioca Dakir Parreiras a pintura de outra tela para o Palácio. Esse artista, que teve seus primeiros ensinamentos artísticos com o próprio pai, era filho do renomado pintor Antonio Parreiras. A ele foi solicitada, dentre tantas temáticas já exploradas, uma pintura que colocasse em evidência, também, a figura feminina. Seguindo a tendência da **pintura de história**, **Dakir Parreiras elaborou um quadro 2,5 m X 2,0 m que retratava a fuga a cavalo de Anita Garibaldi das tropas legalistas**. Esta, que era destinada ao grande salão do pavimento térreo, hoje se encontra em processo de restauração no Museu Histórico de Piratini (OLIVEIRA, 2011, p. 52, grifo nosso).

A obra intitulada A fuga de Anita Garibaldi a cavalo (figura 1 e 2), presente hoje no museu da cidade de Piratini, foi produzida por Dakir Parreiras²² entre

²² Sobre o pintor: “Dakir Parreiras foi um artista paisagista e pintor de fatos históricos atuante do início ao meio do século 20” (GAMA; BACHETTINI; SCOLARI, 2020, p. 156).

1917/18, entregue em 1919. No jornal *A Federação*, encontramos o relato do acordo feito entre o pintor e o governo:

Dakir Parreiras acaba de contractar com o governo do Estado, a execução de uma tela representando a fuga de Annita Garibaldi, à cavalo, quando escapava das mãos dos legalistas. [...] de maneira que o quadro exprima com fidelidade o facto que se quer perpetuar (A FEDERAÇÃO. Dakir Parreiras, 1917, p. 5).



Figura 12: Quadro A fuga de Anita a cavalo, de Dakir Parreiras - 1917/18.

Fonte: imagem cedida pelo Museu Histórico Farroupilha de Piratini/RS.

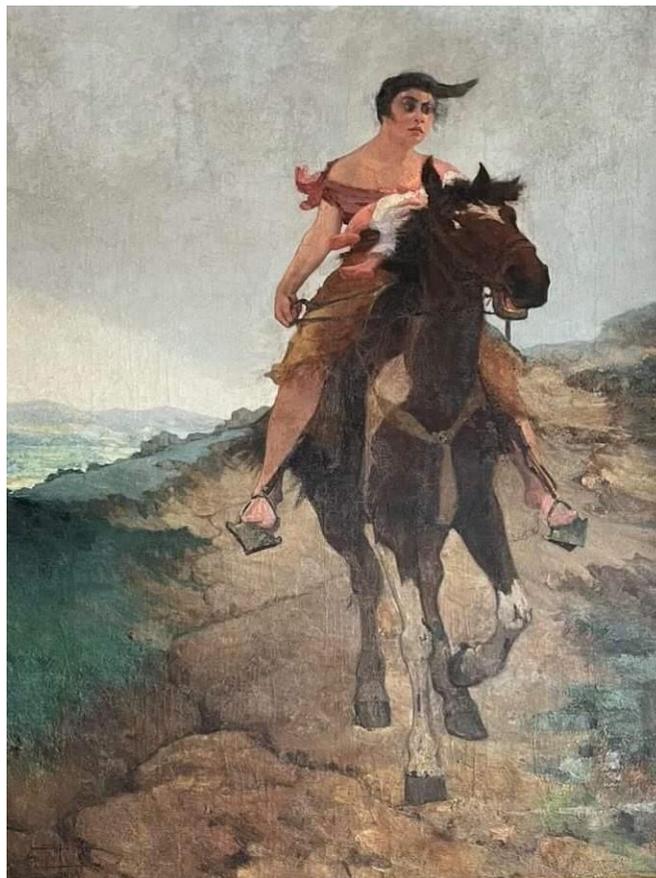


Figura 13: Ampliação da imagem do quadro A fuga de Anita a cavalo

Fonte: imagem cedida pelo Museu Histórico Farroupilha de Piratini/RS.

Esse quadro tinha como intuito decorar o Palácio Piratini, sede do governo do Estado do Rio Grande do Sul:

A obra compôs, até a década de 50, o acervo do Palácio Piratini, em Porto Alegre. Nesse período foram encomendadas pinturas murais ao artista Aldo Locatteli para a redecação da edificação (BACHETTINI; MICHELON; SCOLARI, 2019, p. 51 apud GAMA; BACHETTINI; SCOLARI, 2020, p. 157).

Com a renovação visual do Palácio, essas obras foram doadas para instituições, como no caso do Museu Histórico Farroupilha da cidade de Piratini, que recebeu a obra A fuga de Anita Garibaldi a cavalo, além dela, foram cedidas também a pintura “Alegoria, sentido e espírito da Revolução Farroupilha”, produzido por Hélios Seelinger e a obra “O retorno de Bento Gonçalves da prisão” de Antônio Parreiras (MARTINSA, 2017 apud GAMA, BACHETTINI; SCOLARI, 2020, p. 157).

As obras doadas tiveram que, posteriormente, passar por restauração, é sabido que o quadro de Dakir Parreiras, foi encaminhado para reparo em Porto Alegre, em 2011:

Somente há registros de suas alterações no tempo a partir de 2011, quando a pintura deu entrada no MARGS, estando sua restauração sob responsabilidade da restauradora da instituição, Naida Maria Vieira Corrêa. (GAMA; BACHETTINI; SCOLARI, 2020, p. 158).

Segundo a responsável pela restauração em 2011, a obra encontrava-se em situações precárias:

A obra encontrava-se em processo de degradação extremamente avançado. A restauração de 1994 estava descolando e descorando os retoques. Notavam-se muitas sujidades de poluição, excrementos de morcegos e poeira. Notavam-se descolamentos da camada pictórica em praticamente toda a superfície, com grandes áreas de perdas da policromia original, além de perda significativa da pigmentação na área direita inferior. Percebiam-se fezes e urina de morcegos escorridos pela superfície da obra. No canto inferior direito, havia um prego entre a obra e a moldura, o que estava prejudicando a pintura. A obra apresenta *chansi* (oxidação da camada pictórica com característica esbranquiçada). A moldura havia sofrido escoriações e afastamento nas juntas, perdas dos ornamentos e furos de cupins (não foi possível ver se estão ativos), além de muitas sujidades generalizadas (CORRÊA, 2014, p. 16).

Entretanto, a pintura não teve seu restauro completo, ficou parada, sem manutenção, por falta de verbas, sem esse recurso não seria possível seguir o procedimento, podemos confirmar os processos realizados pelo que relata Naida Corrêa:

A obra foi inicialmente desembalada, minuciosamente fotografada e totalmente higienizada frente e verso. Retirou-se a moldura e identificaram-se os materiais empregados na restauração anterior, os quais foram anotados na ficha técnica. Procedeu-se a limpeza química e mecânica para remoção da restauração anterior. A restauração dessa obra foi interrompida por falta de recursos e aguarda a conclusão com o novo projeto (CORRÊA, 2014, p. 16).

Em 2019:

A UFPel foi procurada para realizar a restauração das duas pinturas, a partir de então foi firmado um Acordo de cooperação técnico-científico entre Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC-RS) e a UFPel. Foi estabelecida a parceria para restauração e as obras vieram para Pelotas, ficou estabelecido que a universidade entraria

com a mão de obra especializada e a SEDAC responsável pelos insumos, materiais, equipamentos e a logística de transporte das duas pinturas, que são de grandes dimensões (LEAL; GAMA; PEREZ, CAVALHEIRO; BACHETTINI, 2020, p. 2).

A partir do ano de 2019, os restauros começam a ser feitos, segundo os autores:

A restauração terá como base conceitos clássicos e contemporâneos da restauração, voltados às obras de arte, e no que concerne à sua estética, materialidade e à própria execução restaurativa (GAMA; BACHETTINI; SCOLARI, 2020, p. 159).

No entanto, nesse ano ocorreu a pandemia de COVID-19²³, no qual todos os projetos/trabalhos que fossem presenciais tiveram que cessar. Assim sendo, a restauração da obra ficou sem andamento e somente foi finalizada em 2021 sendo entregue para seu lugar de exposição, o Museu Farroupilha da cidade de Piratini²⁴.

O quadro traz para encenação o momento em que Anita teve que fugir do local em que estava por conta de uma invasão de imperialistas que estavam atrás de Giuseppe Garibaldi. A fuga de Anita, ao qual o quadro se refere, aconteceu da seguinte maneira:

Na casa da família Costa, na localidade de São Simão (cidade de Mostardas), o primogênito de Giuseppe e Anita, Domênico, ou Domingos Menotti Garibaldi, nascia à 16 de setembro de 1840. Após dar à luz, Anita fica na casa à espera de Garibaldi. Ele havia viajado a Viamão para buscar recursos e, também, para avisar Luigi Rossetti do nascimento de Menotti. Na sua ausência, o tenaz Chico Pedro de Abreu, o Moringue, a serviço do exército imperial e informado da presença do casal no local, ataca o rancho dos Costa. **Anita agarra o filho, com apenas doze dias, e, delirando de febre puerperal, precariamente vestida, só tem uma preocupação: salvar Menotti. Monta a cavalo em pelo e, amamentando o filho, a galope, adentra a mata para refugiar-se.** (SANT'ANA, 2021, p. 14, grifo nosso)

²³ A COVID-19 ou Corona Vírus refere-se a uma doença que levou o mundo a uma pandemia, parando todo o setor comercial, educacional, “a Covid-19, detectada pela primeira vez em Wuhan, China, em dezembro de 2019, pode causar pneumonia viral, cujas complicações podem levar ao óbito” (MACIEL; GONÇALVES JUNIOR; DALCOLMO, 2020, p. 1). Por ser viral, espalhou-se rapidamente entre a população.

²⁴ Informações retiradas do site da UFPEL, disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2021/09/15/fuga-de-anita-garibaldi-a-cavalo-comunidade-recebe-obra-apos-restauro-feito-pela-ufpel/>. Acesso em: 28 março 2023.

O quadro trás tons terrosos (marrom, caramelo, um vermelho “desbotado”, verde escuro), assim, não é uma obra que expede alegria, é algo mais “triste”, apagado (seria para fazer a população testemunhar as dificuldades que Anita passou?). Na pintura, podemos visualizar uma mulher montada em um cavalo encilhado, consideravelmente magro, no qual com a mão direita segura as rédeas e no braço esquerdo está com a criança no colo, vestida com o que parece uma blusa e uma saia já não em bom estado, aparenta estar andando pela colina, mas sem preocupação.

Podemos ver que, ao produzir esse quadro, Dakir teve o cuidado de trazer amostragens do período que acontecera o fato. Nas roupas de Anita, vemos a simplicidade, relatando o mal momento em que viviam, já que a situação de guerra, fome e falta de dinheiro era parte da vida dos farrapos. Além das vestimentas, notamos que está descalça, podendo remeter ao fato de estar em casa descansando e cuidando do filho ou então por ter fugido sem pensar em calçar algo. A criança em seu colo, Menotti, também está em poucos trajes. Remetemo-nos a questão de o fato ser em setembro, época em que no Rio Grande do Sul, ainda é inverno e os personagens no quadro estarem vestindo poucas roupas, não condiz com a temperatura esperada, ainda, é acreditado que um recém-nascido esteja bem-vestido, para evitar possíveis doenças.

A expressão facial de Ana, refere-se a “desapontamento”, melhor dizendo, não demonstra preocupação/medo, traduz como se fosse somente mais um fato de sua vida. O cavalo, aparenta estar troteando e cansado; o cenário mostra-nos ser uma estrada de terra com buracos, sendo essa uma área elevada, pois ao fundo é possível ver um declínio, aparentemente remetendo a cidade em que se encontrava.

A pintura feita por Parreiras retrata aquilo que o governo gostaria de passar para a população, uma imagem de mulher sofrida, cansada, em situação precária e que mesmo não tendo condições de sair e guerrear faria tudo para salvar seu filho dos perigos que o assolam. Será que se Anita não fosse mãe essa cena seria retratada? Podemos dizer que não, esse fato que inspirou a obra, somente tem sentido por estar carregando em seus braços o pequeno Menotti, seu primogênito, assim sendo, se fosse em outro contexto, no qual ela estivesse sozinha, a fuga não seria um ato heroico, poderia ser visto como desonra. O famoso acontecimento é sempre lembrado, assim sendo, o governo

usa desse episódio para expressar a mãe eximia que era, ou seja, Ana Maria de Jesus Ribeiro é definida como mãe protetora, que visava o bem-estar do filho e não como uma guerreira.

Podemos observar que há uma valorização maior pela parte materna que Anita teve do que como a lutadora de batalhas, nesse sentido, sua imagem pode ser utilizada como a protetora, um embasamento de como a república agirá com seus cidadãos, lembrando o cuidado e selo. Dessa forma, seu heroísmo seria baseado nos cuidados que ela teve com os filhos, sua vida como mãe, não recordando as lutas que desempenhou ao lado de Garibaldi, deixando as batalhas para o âmbito masculino.

4.4 Monumento à Anita e Garibaldi: contexto, descrição e análise

As estruturas monumentais estão presentes em todos os lugares, sendo parte da vida dos cidadãos. Essas obras artísticas têm como finalidade lembrar e moralizar a sociedades dos atos cometidos sobre algum momento importante para a história do país. A palavra monumento:

Remete para a raiz indo europeia men, que exprime uma das funções essenciais do espírito (mens), a memória (memini). O verbo monere significa 'fazer recordar' donde 'avisar', 'iluminar', 'instruir'. O monumentum é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os actos escritos. (...). Mas desde a antiguidade romana o monumentum tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de escultura: arco do triunfo, coluna trofel, pórtico etc.; 2): um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte (LE GOFF, 1985, p. 95 apud JERONYMO, 2014, p. 21).

As criações monumentalistas servem sempre para a memória, para o processo de expansão da história criada/recriada, como menciona Choay:

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma

comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar (2001 p.18 apud JERONYMO, 2014, p. 22).

Entretanto, podemos dizer que:

Os monumentos não traduzem uma realidade histórica, mas reinventam personagens a partir de uma memória reconstruída para atender à necessidade de grupos que se beneficiam com heróis idealizados (SILVA, 2018, p. 37).

Os monumentos presentes nas cidades de todas as regiões largamente representam alguma pessoa que tenha significado para o país, Estado ou cidade, por questões de representatividade/de mostrar grandiosidade, as apresentações que muitas vezes são expressadas no mármore, não refletem a realidade, são amostras de cenas romantizadas, trazendo quilo que gostariam que fosse mostrado para a sociedade, ou seja, muitas vezes, o fato acontecido não era tão maravilhoso a ponto de ser esculpido, para “melhoramento”, usavam da imaginação para aumentar e aprimorar a cena retratada. Nesse sentido, de produções artísticas, muitas obras foram criadas, dentre elas o Monumento a Anita e Garibaldi.

Garibaldi e Anita, foram dois personagens que participaram, no Brasil, da Revolução Farroupilha, no entanto, não lutaram até o fim, partindo para Montevidéu quatro anos antes do final:

Em fins de abril de 1841, após diversas semanas de inatividade militar, resolveu, então, pedir dispensa do Exército republicano, pois pretendia retomar as suas atividades embarcado, ou quanto muito, fixar-se junto a um Porto, onde poderia conviver com o mar, a sua grande paixão de navegador (CADORIN, 2000, p. 190).

Giuseppe, ainda em vida, juntamente com o escritor Alexandre Dumas (1860), escreve um livro retratando suas vivências de guerras e revoluções, em trechos de seu livro trabalha a imagem de sua esposa, sempre elogiando-a:

Excelente cavaleira, e montando um admirável cavalo, bem poderia Anita ter fugido; mas dentro desse peito de mulher batia o coração de um herói: em lugar de fugir, animava os nossos soldados a defenderem-se, e num momento se viu cercada pelos imperiais (DUMAS, 2010, p. 98).

Anita passa a ser reconhecida somente após o lançamento do livro e pela Itália, que elegeu ambos como heróis pela participação nas guerras italianas para a unificação do país. No Brasil, Ana Maria de Jesus Ribeiro, não tinha notoriedade, sendo essa, sequer descrita em documentos dos farrapos.

O monumento destinado aos considerados “heróis dos dois mundos”, não foi erguido pelo governo, tão pouco foi pensado por eles. Essa ideia partiu de grupos italianos residentes do Estado riograndense, da capital Porto Alegre.

Os italianos residentes do Estado gaúcho idolatravam Garibaldi pelo fato da unificação do seu país de origem, dessa forma:

Quando, nos anos sucessivos à unificação da península, a colônia italiana do Estado alcançou um peso numérico mais significativo, o símbolo de Garibaldi foi o mais utilizado para a construção de uma identidade coletiva entre os imigrantes (FANESI, 2007; CONSTANTINO; FAY, 2011 apud RUGGIERO, 2021, p. 18).

Em contrapartida, Anita somente foi designada como a companheira de Garibaldi, “frequentemente foi associado à figura feminina de Anita, [...] que lhe deu um filho brasileiro e o acompanhou até o sacrifício final nas campanhas militares sul-americanas e, sucessivamente, italianas” (RUGGIERO, 2021, p. 18). Pode-se dizer que, o reconhecimento da “heroína” se deu pelo fato de estar vinculada a seu esposo e não unicamente por ter combatido em lutas.

O presente dos italianos surgiu em um momento em que a nação e nacionalização estava em pauta. No século XX a questão patriótica era ainda de interesse dos governos, sendo sempre difundida quando preciso, nesse mesmo contexto, as comunidades italianas que se encontravam em terras estrangeiras, precisavam buscar algo para que se ligassem as duas terras:

Para contrastar a dispersão e o isolamento em que vivia a comunidade dos peninsulares em Porto Alegre e no estado. Buscava promover uma identidade italiana entre as novas gerações nascidas no Brasil, que estavam mais afeitas à assimilação da cultura local (RUGGIERO, 2021, p. 21).

Os italianos buscaram, através dos chamados “heróis dos dois mundos”, uma representação que ligasse os dois continentes, dessa forma, mesmo estando longe de seu país de origem, poderiam sempre lembrar e louvar seu amor a terra natal. Nessa perspectiva, as comunidades itálicas tiveram a:

Ideia de oferecer ao Rio Grande do Sul um monumento onde as figuras lendárias de Garibaldi e Anita pudessem atestar a afinidade étnica e histórica que ligava “com vínculo de amor e de sangue”, italianos e rio-grandenses (CROCETTA, 2000, p. 407 apud RUGGIERO, 2021, p. 20).

Além do fato de transmitirem o patriotismo por seu país de origem, “respondia a uma lógica de mediação cultural dentro da política local” (RUGGIERO, 2021, p. 21).

Foi então encomendada pela comunidade a escultura ao escultor italiano Filadelfo Simi, desde 1907 sendo essa somente entregue em 1913. Foi uma obra patrocinada somente por doações como uma forma de agradecer o acolhimento no Brasil:

O monumento, que custou, no total, quase 25 contos de réis, foi o resultado de um longo e conturbado processo de mais de seis anos, durante os quais toda a comunidade italiana do Rio Grande do Sul foi chamada a contribuir através de doações financeiras, organizadas a partir de um Comitê específico “Pró-Monumento” com a participação das maiores associações e dos jornais étnicos italianos presentes em Porto Alegre (RUGGIERO, 2021, p. 16).

A escultura tinha como intuito mostrar uma cena da revolução Farroupilha onde, segundo Crocetta:

Anita tinha dado uma grande prova de coragem jogando-se em cima de um canhão para atirar contra as tropas assaltantes. Os republicanos conseguiram conter o inimigo, que se retirou em desordem. O escultor reproduziu esse acontecimento no mármore. Anita, curvada sobre um canhão com a cabeça orgulhosamente levantada sorrindo com admiração, olhando para o esposo, que com o poncho gaúcho e uma espada na mão, está em pé, atrás dela (2000, p. 408 apud RUGGIERO, 2021, p. 16).

O monumento seria (e foi) produzido em mármore e:

Em agosto de 1908, o esboço ideado pelos irmãos Giorgini de Massa Carrara, encarregados diretamente pelo renomado escultor italiano de Porto Alegre, Carlo Fossati, foi finalmente escolhido (STELLA D'ITALIA, 20-23 ago. 1908 apud RUGGIERO, 2021, p. 24).

Houve atraso na produção da escultura pois nesse mesmo ano que foi escolhido o desenho que daria forma ao monumento, a Itália, que seria parte para a arrecadação de dinheiro para a feitura da obra, sofreu com um terremoto

seguido de tsunamis que abalou o país. Somente em 1910 por conta da mediação do cônsul cav. Beverini que se volta a falar do monumento e então é autorizada a remessa de 4 mil contos de reis arrecadados para a empresa de Massa Carrara, para o início da construção (STELLA D'ITALIA, 3-6 fev. 1910 apud RUGGIERO, 2021, p. 24). Após o pagamento:

Os irmãos Giorgini nomearam como diretor artístico do monumento o Prof. Simi, que trabalhava para a oficina, comprometendo-se a entregar a obra completa em junho de 1911, depois de ter enviado com dois meses de antecedência o baseamento do grupo marmóreo. Com um excessivo otimismo, a esperança do Comitê e das autoridades italianas era conseguir erguer a estátua no centro de Porto Alegre, por ocasião das celebrações do XX de setembro de 1911, no ano do jubileu da Pátria proclamada em 1861 (STELLA D'ITALIA, 21 abr. 1910 apud RUGGIERO, 2021, p. 25).

A obra, no entanto, não foi entregue no ano esperado (1911) pois, necessitavam de mais arrecadação de dinheiro para a conclusão e para o transporte, já que estava sendo produzida na Itália, necessitava ser transportada para o Brasil:

O atraso das arrecadações e as dificuldades encontradas devido aos custos altos de transporte afastaram, definitivamente, a esperança de aprontar o monumento em Porto Alegre para as celebrações do Cinquentenário da Unificação italiana, não obstante, em agosto de 1911, a obra já estivesse quase concluída na oficina carrarense (RUGGIERO, 2021, p. 26-27).

Em 1912, o processo para instalação da obra também não aconteceu, pois ainda faltava dinheiro para o deslocamento de Rio de Janeiro para Porto Alegre e mesmo sem arrecadações suficientes, recusaram ajuda daqueles que não fossem italianos, somente em maio de 1913 a escultura chega em Porto Alegre, sua inauguração aconteceu no dia 20 de setembro deste ano, data em que é comemorado no Rio Grande do Sul a Revolução Farroupilha (RUGGIERO, 2021, p. 27).

Esse monumento a Anita e Garibaldi (figura 3), trata bem a representatividade que se esperava, mostra uma cena de batalha, onde estariam os dois lutando contra seus inimigos, Anita corajosamente atirando e Garibaldi sendo protegido por ela. No entanto, ao analisarmos a imagem do monumento.

Há, também um canhão que dá a entender que estão em uma luta, sua representação demonstra movimento, assim sendo, ela estaria a posto para guerrear e levar os soldados a frente de batalha enquanto Garibaldi está representado em uma forma não dinâmica, como se estivesse parado.

Em uma batalha, o personagem ficaria estático? Notadamente essa forma que ele está sendo mostrado não condiz com um momento de luta, pois em uma guerra, soldados não ficam imóveis esperando que alguém os proteja ou que sejam acometidos por uma bala, além disso, a representação de Garibaldi aparece atrás de Anita, demonstrando que recebe e aceita o comando dela em um combate contra os seus inimigos.



Figura 14: Monumento à Anita e Garibaldi

Fonte: foto cedida pelo Prof. Dr. Sergio Rocha da Silva.

Vendo essa representação, notamos que Anita (figura 4) está sendo exposta como uma comandante, que leva os soldados a luta, que protege aqueles que não conseguem agir, havendo uma romantização de sua participação nas lutas que enfrentou, dessa maneira, a figura de Garibaldi (figura 5) teve um papel idealizado em mármore como inferior, demonstrando fraqueza e ainda, mostra-nos que acatava a superioridade de Ana frente à direção de seus soldados.



Figura 15: Imagem ampliada de Anita

Fonte: foto cedida pelo Prof. Dr. Sergio Rocha da Silva



Figura 16: Imagem ampliada de Garibaldi

Fonte: foto cedida pelo Prof. Dr. Sergio Rocha da Silva

Mesmo não sendo uma obra feita pelo governo brasileiro, remete aquilo que visava a República: mostrar as façanhas feitas para o fim da monarquia. Assim, a obra que foi encomendada pelos ítalo-gaúchos, trazia em contexto características importantes que o governo gostaria de passar através da figura de seus heróis, sendo então: força, coragem, bravura, resiliência. Desse jeito, ao representar Anita e Garibaldi em uma batalha, contextualiza com as qualidades heroicas supracitadas.

Literaturas romancistas sempre buscam trazer Ana como uma guerreira, no entanto, na Batalha de Laguna, ela ainda estava tentando convencer Garibaldi a levá-la já que o mesmo, não tinha interesse em levar mulheres em sua embarcação. Remetendo a isso, Giuseppe liberaria o comando a uma

mulher que recém conheceu e sem experiências de batalha? Se deixaria ficar em segunda cena dando visibilidade a outrem?

Essa não seria uma atitude tomada por ele, que era conhecido por seu comando excepcional em suas embarcações e batalhas, principalmente por querer atenção, especialmente em vida, por seus feitos pelas Repúblicas de vários países; foi visando a heroificação que relatou sua vida a Alexandre Dumas e produziram um livro. Dito isso, a representação monumental não traz a realidade histórica, não condiz com a situação da época, onde o homem era o comandante e a mulher apenas acatava ordens ficando em segundo plano. Além do mais, é sabido que Giuseppe não aceitaria ordens de “soldados inferiores”, como podemos dizer que Ana era, pois não tinha experiências de batalha, menos ainda tinha conhecimento sobre como conduzir soldados em uma frente de guerra. Podemos dizer também que Anita não lutou por questões ideológicas, participou das batalhas para se defender já que, mesmo Garibaldi sendo contra, decidiu embarcar no navio pois:

Não voltaria ao Rincão vencida e desprezada pelo amante e enfrentar a sua vizinhança rebentando de ironia e a galhofa daquelas mesmas pessoas que iriam festejar, com zombaria, o possível fim de um romance de pecados (ZUMBLICK, 1980, p.43 apud SILVA, 2018, p. 61).

Além de não poder voltar a conviver pacificamente em sua sociedade, outra questão motivadora para que ela o seguisse pelas batalhas era “o seu amor por Giuseppe que a motiva a voltar para os combates e estar junto dele” (FLECK; ROHDE, 2017, p. 127).

Podemos afirmar então que Anita e Garibaldi foram heróis impostos à sociedade, pois somente tiveram reconhecimento após a Itália fazer menção a eles. O monumento no Rio Grande do Sul somente foi construído por iniciativa de italianos, assim, em a sua construção traz um imaginário recriado, mostrando para a população a cena que queriam perpetuar e não o que realmente teria acontecido.

Finalmente, podemos afirmar que as obras artísticas que representam heróis foram facilmente difundidas na população, através dessas visualizações, a sociedade conseguia referenciar aqueles que haviam participado para a queda da monarquia, levando então ao reconhecimento da República, ou seja, essa

teria se tornado aos olhos da população um governo, mesmo sendo esse imposto, já que não houve participação de civis. Ainda, podemos constatar que as obras que representam Anita não condizem com a heroína imposta. Pelo governo é representada como uma mãe protetora e não pelas lutas que participou, já os italianos, em sua representação, trazem um outro modelo, idealizam nela uma soldada sublime, sendo representada como líder, ao invés de trazer Garibaldi como tal. Assim, podemos concluir que em ambas as obras trazem cenas romantizadas, no qual engrandece os fatos apenas para que se perpetue no imaginário as representações dos heróis.

5. Considerações finais

A presente pesquisa teve como foco principal responder à questão sobre o que a representação de Anita Garibaldi no monumento à Anita e Garibaldi, de Porto Alegre do artista Filadelfo Simi e no quadro A fuga de Anita Garibaldi a cavalo, de Dakir Parreiras trazem de realidade histórica (maior aproximação da verdade) e de imaginário. No qual foram investigados a relação entre o imaginário da época, o monumento erguido e a pintura no Rio Grande do Sul do século XX e analisado o contexto da glorificação de Anita Garibaldi presente no acervo das obras e a sua imagem romanceada através da literatura. Podemos validar os objetivos propostos pois, o imaginário do período era o principal meio para a propagação de ideias, assim, a Primeira República, através das representações em monumentos ou em quadros, utilizou da disseminação de informações para atingir sua soberania sob o povo, assim, as obras produzidas visavam consagrar os heróis e seus feitos contra a monarquia, pois desse jeito, a República seria consolidada, já que através do imaginário, conseguiriam alcançar seu intento : criar uma identidade nacional. Ainda, é possível constatar que Anita somente alcançou o título de heroína pela influência italiana. No Brasil, Anita não havia alcançado o posto de heroína, sequer era lembrada por ter participado da Revolução Farroupilha, postumamente, com o reconhecimento brasileiro, várias obras a seu respeito surgiram, algumas sendo bibliográficas, outras romanceadas.

Para chegar à validação de nossos objetivos, foram utilizadas a análise e pesquisa de bibliografias que tratavam dos assuntos de Primeira República, imaginário, realidade histórica, simbolismo, Positivismo, monumento, pintura, bem como, sobre Anita Garibaldi e sua vida romanceada.

É verificado que, a monarquia perdurou no Brasil por muitos anos, no entanto, em 1889 sofre um golpe e é instaurado a República como governo do país. Para essa queda os ideais positivistas e liberalistas foram importantes, já que foram os responsáveis pelo fim do imperialismo brasileiro. A partir desse momento surgem problemas que precisam ser resolvidos como: nação e nacionalismo, como forma de resolver essa questão, os republicanos precisavam criar uma identidade nacional, para que toda população, de todas as regiões, fizesse parte de um todo.

Com o intuito de ligar as diversas províncias do Brasil que se encontravam desunidas, a República usa como meio para a unificação desses, a nomeação de heróis. Eles foram utilizados como ferramentas para o processo de conectar as sociedades— que nesse período tinham como sentido de pertencimento o regionalismo— e para identificação.

Essas figuras de heróis, personagens históricos que foram elevados a grandes pessoas, difundiam a ideia de que esses tinham sido importantes para a chegada do novo governo. Sendo assim, queriam que através deles, houvesse um reconhecimento e uma aceitabilidade do novo regime imposto, ou seja, a República precisava mostrar de alguma forma que sua governabilidade visava a melhoria para a população. Esse meio foi bastante útil pois era uma forma de ensinar a população, assim, olhando os monumentos e quadros, a população conseguiria entender as mensagens do governo, dito isso, a propagação no imaginário foi fundamental para a consolidação da imagem republicana.

Os heróis foram nomeados pelos representantes republicanos, para tal, utilizavam como meio para a escolha o fato de ter participado de alguma revolução/guerra/luta que remetesse ao fim monárquico, assim sendo, sua imagem era utilizada como uma forma de dizer que há muito queriam uma mudança, uma modernização para a sociedade.

Para isso, o Positivismo, foi fundamental pois através dele houve as ideias de monumentalização e pinturas desses heróis nomeados. Assim, ao definirem um personagem que teria participado de algo contra a monarquia e esse fosse designado herói, teria um monumento seu repleto de simbolismo por várias partes do país para que assim, a população reconhecesse que havia pessoas que lutavam pelo fim monárquico. Através desses simbolismos, usos de figuras e representações, a história que a República queria que a população fixasse na memória seria difundida e então perpetuaria nos imaginários sociais.

O Positivismo teve grande influência no Rio Grande do Sul e foi um ideal que buscava sempre representar seus heróis, fossem em monumento ou então em pinturas, pois acreditavam que através desses meios visuais, a população entenderia melhor, já que havia ainda na sociedade muitas pessoas não letradas. Com essas representações espalhadas pelo país, trariam um “esquecimento” da época anterior.

Nesse contexto, a imagem de Anita Garibaldi passa a ser utilizada como heroína no Brasil, no entanto, podemos dizer que seu nome somente passou a ter visibilidade através de seu companheiro Giuseppe Garibaldi que, por meio do seu livro de memórias, trouxe relatos exaltando a participação de sua amada nas guerras do Brasil, Uruguai e Itália.

Pós ser considerada heroína, teve representações realizadas, entre elas a pintura: A fuga de Anita Garibaldi a cavalo (1917/1918) feito por Dakir Parreiras, exposto no museu de Piratini; e o monumento Anita e Garibaldi (1913) realizado por Filadelfo Simi, que se encontra em Porto Alegre.

O quadro foi encomendado por Borges de Medeiros, que era o governador do Estado do Rio Grande do Sul, essa pintura demonstra a cena em que Anita teria fugido com Menotti, seu filho, em seus braços a cavalo. Podemos notar que nessa representação, traz a parte que a República mais usava de Anita: ser uma mãe protetora. Usando dessa tática, traziam para contexto que nomeando uma heroína que fosse uma boa mãe, definiria para a população que a República cuidaria de todos assim como uma mãe protege seu filho. Essa pintura não retrata uma situação que possa ser definida como heroica para o momento da Primeira República, condiz com a proteção de uma mãe para com seu filho, sendo esse, o papel de qual o governo iria utilizar.

Referente ao monumento destinado à Anita e Garibaldi em Porto Alegre, obra encomendada pelos italianos da cidade para firmar a união dos dois povos (italianos e brasileiros), traz em cena Anita e Garibaldi em uma guerra, sendo ela exposta como uma protetora, uma combatente, perto de um canhão; e Garibaldi está representado como se estivesse acatando ordens, pacífico, uma figura sem movimento. Podemos concluir com essa obra que ela não retrata uma cena histórica já que, Giuseppe por ser considerado um comandante firme não deixaria que uma mulher dirigisse ordens a seus soldados.

Podemos afirmar que essas obras, trazem em si uns contextos românticos já que visam mostrar aquilo que o governo quer que a população veja, ou seja, são construídas cenas imagéticas e grandiosas para que sejam assim perpetuadas pela sociedade durante anos. Posto isso, a forma como é demonstrada é exagerada justamente para o fim de anexar sentimento de orgulho pela personagem brasileira que teria combatido pela queda da monarquia, essa era a perspectiva que deveria ser difundida entre a população.

Outrossim, através de estudos podemos ter conhecimento da época em que viveu e saber que em uma sociedade do século XIX, uma mulher que se envolvesse romanticamente com outro homem que não o seu marido, era considerada adúltera e não era aceita dentro da sociedade, passando a viver à margem.

O quadro e o monumento serviram para educar a população, ou seja, sua presença na sociedade serviria para levar conhecimento de uma época de lutas, onde homens e mulheres combatiam para uma sociedade modernizada, sendo a República o principal meio para chegar a esse fim. E para isso, uso de símbolos foram fundamentais para anexar no imaginário social as cenas que gostariam que fossem lembradas. Assim, na primeira República, Anita surge como heroína por motivos de unificação entre dois povos— italianos e brasileiros—, esse é o principal intuito para o uso da imagem dessa personagem.

Ana Maria de Jesus Ribeiro, brasileira, tem sua vida representada em diversas literaturas, essas representam-na como uma guerreira, uma verdadeira heroína, ou seja, trazem em seu conteúdo histórias romantizadas da vida dela com Giuseppe, muitas vezes engrandecendo fatos amorosos ou de batalhas. Ela participou ao lado de seu companheiro Garibaldi de muitas lutas, principalmente na Revolução Farroupilha. Usufruindo desses combates, a República, após o conhecimento do livro de memórias de Garibaldi e depois de a Itália denominá-los heróis de dois mundos, passa a chamar Anita de heroína. Dessa maneira, podemos tirar como conclusão de que ela só foi assim denominada pela relação que envolvia Itália e Brasil, já que nessas terras, principalmente no sudeste e sul, se encontravam grandes números de descendentes de italianos, por conta de ser preciso unificar a população brasileira, nomear Garibaldi e Anita heróis seria uma excelente maneira de ligar essa etnia que se encontrava espalhada por várias regiões.

Além do mais, conclui-se que, após se relacionar com Garibaldi, ainda casada, não seria bem vista pela população de sua cidade, era considerada adúltera e dessa maneira, não conseguiria viver e se sustentar. É possível fazermos o seguinte questionamento: Anita teve seu nome afirmado como heroína por ter participado da Revolução Farroupilha ou pelo papel de mãe zelosa que muitas vezes é mais comentado?

Podemos concluir que Anita somente participou da guerra por motivos pessoais, ou seja, foi atrás de Garibaldi por amor e por medo de ficar em uma sociedade que não a aceitaria, participou das batalhas para se defender apenas. Para a República, que somente teve uso da imagem dela como heroína após a Itália denominá-la como “heroína dos dois mundos”, Anita era vista como a companheira do italiano Garibaldi, mãe protetora. A figura dela é mais associada para a consolidação de uma nação com os ítalo-brasileiros que habitavam principalmente as terras do sul. Dessa maneira, sua imagem era/é costumeiramente projetada ao lado de Giuseppe Garibaldi, aquele que lhe deu nome.

Por fim, Anita Garibaldi pode ser considerada heroína por suas lutas em revoluções? A resposta é não. Anita participou dessas guerras por seu amor a Giuseppe Garibaldi e não por uma causa ideológica, como muitos outros soldados lutavam, esses estavam ali porque queriam a libertação do país das mãos da monarquia. Enquanto ela estava presente por amor ao comandante e por ter infringido as leis, ao trair seu marido Manuel, não teria espaço na sociedade a qual estava inserida. Desta forma, a única coisa que lhe restava era acompanhar Garibaldi pelas diversas batalhas pelos três países. Podemos dizer ainda que, sua personificação como heroína serviu apenas como um meio de unir brasileiros e italianos que se encontravam em terras brasileiras para formar uma identificação nacional, assim sendo, sua figura visava não glorificar seus feitos, mas é utilizada como massa de manobra para façanhas nacionais e regionais. Buscamos aqui mostrar a diferença entre fato e o romantismo histórico.

Essa pesquisa quis contribuir com a historiografia referente à Anita Garibaldi, trazendo um outro olhar sobre a personagem, sem ter a intenção de esgotar o assunto que há muito tempo é trabalho. Para tal, nosso estudo foge da idolatração que a ela é feita, visando mostrar que Anita era uma mulher com receios e medos e não uma deusa como autores como autores trazem em seus textos. Finalmente, Ana em suas representações, é sempre lembrada como a companheira de Garibaldi ou então a mãe cuidadosa, não tendo reconhecimento por si só. Não teve uma história que pudesse ser contada, suas lutas não são constantemente retratadas, é sempre preferível caracterizar o outro lado, o maternal.

Referências

- ABEBOOKS. **Anita Garibaldi**: heroína de dois mundos. Imagem. Disponível em: <https://www.abebooks.com/book-search/author/tomatis-marco/>. Acesso em: 24 abril 2023.

- _____. **Anita cubierta de arena**. Imagem. Disponível em: <https://www.abebooks.com/anita-cubierta-arena-Dujovne-Ortiz/30799684525/bd>. Acesso em: 24 abril 2023.

- ADORO CINEMA. **Anita**. Imagem. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-249813/>. Acesso em: 16 abril 2023.

- AGUIAR, Flávio. **Anita**: romance. Editora: Boitempo, 1999.

- ALONSO, Angela. De Positivismo e de positivistas: interpretações do Positivismo brasileiro. **BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, n. 42, p. 109–134, 1996. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/180>. Acesso em: 17 janeiro 2022.

- _____. O Positivismo de Luís Pereira Barreto e o Pensamento Brasileiro no final do século XIX. **IEA: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. p. 1-14, 1995. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237768355_O_Positivismo_de_Luis_Pereira_Barreto_e_o_Pensamento_Brasileiro_no_Final_do_Seculo_XIX. Acesso em: 18 fevereiro 2023.

- ANITA. Roteiro e produção: Rolando Christian Coelho. [Santa Catarina]. Correio do Sul, 2016. 1 vídeo (107 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8S-w0D5sU8s>. Acesso em: 31 agosto 2021.

- ANITA e Garibaldi. Edição: Alberto Rondalli. [s. l.]: HBO Films, 2013. 1 vídeo (96 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9EDpD5b5eyk>.

Acesso em: 17 agosto 2021.

- ARAUJO, Bernardo Goytacazes de. A instabilidade Política na Primeira República Brasileira. **Revista Estudos Filosóficos**. UFSJ. São João Del-Rei: MG. nº 3, p. 129–141, 2009. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/estudosfilosoficos/article/view/2370>. Acesso em: 09 janeiro 2023.

- A RETIRADA. Edição: Rolando Christian Coelho. Santa Catarina. Correio do Sul, 2006. 1 vídeo (74 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TrROB4oppvc>. Acesso em: 19 agosto 2021.

- AXT, Gunter. Os guardiões da lei: aspectos da influência política e cultural dos positivistas religiosos sobre os governos republicanos no Rio Grande do Sul. **Métis: história e cultura**. Caxias do Sul, v. 1, n. 2, p. 33-52, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1085>. Acesso em: 10 novembro 2022.

- BACHETTINI, Andréa Lacerda; SCOLARI, Keli Cristina; GAMA, Isis Fófano. Plano para estudos preliminares à restauração da obra de Dakir Parreiras: fuga de Anita Garibaldi a cavalo, do Museu Histórico Farroupilha. **Anais da semana dos museus da UFPEL**, p. 155-163, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6643>. Acesso em: 11 abril 2023.

- BARBOSA, Arthur Gomes. Entre sentidos, monumentos como estruturas limítrofes: um olhar sobre o sangramento do monumento. **Pixo: Revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade**. V. 2, n. 7, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/1588>. Acesso em: 18 abril 2023.

- BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Alferes Joaquim Jose da Silva Xavier (iconográfico)**: “O Tiradentes” Precursor da Independência e da República do Brazil. Gravura. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>. Acesso em: 16 abril 2023.

- BOITEMPO. **Anita**: romance. Imagem. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/anita-274>. Acesso em: 24 abril 2023.

- BORGES, Luiz Carlos; BOTELHO, Marília Braz. Positivismo e artes plásticas: o Museu Nacional e a I Exposição Antropológica Brasileira. **XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, v. 13, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/183078>. Acesso em: 18 fevereiro 2023.

- BREGANTIN, Helen Lemos. **Anita Garibaldi**: a construção de uma heroína em biografias populares (1849-1999). 2018. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo: Franca, 2018. Repositório Unesp. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/183443/Bregantin_HL_me_fran.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 28 agosto 2021.

- BRITTO, Bruno; DENADAI, Camila Negrini; CORDEIRO, Guilherme; ANSELMO, Sthephanyê da Graça. Arte Rupestre. **Anais do V Seminário Multidisciplinar: ENIAC**, v. 5, n. 1, p. 8-16, 2013. Disponível em: <https://ojs.eniac.com.br/index.php/Anais/article/view/201>. Acesso em: 24 março 2023.

- CADORIN, Adílzio. **Anita a guerreira das repúblicas**. Florianópolis: Udesc, 1999. Biblioteca virtual da Página do Gaúcho. Disponível em: <https://bibliopedra.files.wordpress.com/2015/09/anita-garibaldi-a-guerreira-das-repc3bablicas-adilcio-cadorin.pdf>. Acesso em: 28 agosto 2021.

- CAPELATO, Maria Helena Rolin. Modernismo Latino-americano e construção de identidades através da pintura. **Revista de História**, n. 153, p. 251-282, 2005. Disponível em: https://revhistoria2.webhostusp.sti.usp.br/wp-content/uploads/revistas/153/RH-153_-_Maria_Helena_Rolim_Capelato.pdf. Acesso em: 18 abril 2023.

- CAPIBARIBE, Gustavo Ribeiro; OLIVEIRA, Luiz Jeha Pecci de; SÁ, Wilson Cardoso de; MARQUES, Heitor Romero. A dimensão humana do herói na guerra do Paraguai (1864-1870). **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 28, nº 55, p. 104-125, 2021. Disponível em: <https://premioaugustomotta.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/826/523>. Acesso em: 28 abril 2023.

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. São Paulo: Labur Edições, 2ª edição revisada, 317p, 2017. Disponível em: https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espa%C3%A7o-Tempo%20da%20Vida%20Cotidiana%20na%20Metr%C3%B3pole_.pdf. Acesso em: 11 abril 2023.

- CARRION, Raul. **Os Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <http://www.raulcarrion.com.br/publicacoes/lanceiros.pdf>. Acesso em: 01 abril 2023.

- CARVALHO, Aline Fonseca. **A convivência de um legado adequável: Representações de Tiradentes e da Inconfidência Mineira Durante a Ditadura Militar**. 2006. Dissertação (mestrado)— Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-6X4R73/1/disserta__o.pdf. Acesso em: 12 abril 2023.

- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/josc3a9-murilo-de-carvalho-a-formac3a7c3a3o-das-almas-o-imaginc3a1rio-da-repc3bablica-no-brasil.pdf>. Acesso em: 05 novembro 2022.

- CASIMIRO, Luís Alberto Esteves dos Santos. **O método iconográfico e sua aplicação na análise da fachada da Igreja da Madre de Deus em Macau**. In:

ICONOGRAFIA: Pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais, Arquitetura e Design. Orgs. Maria Herminia Olivera Hernández; Eugênio de Ávila Lins. Salvador, p. 18-39, 2016. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/56qhx>. Acesso em: 22 janeiro 2023.

- CINEMA 10. **Anita e Garibaldi**. Imagem. Disponível em: <https://cinema10.com.br/filme/anitagaribaldi>. Acesso em: 16 abril 2023.

- COOPER, J C. El simbolismo. **Linguagem Universal**, 1988. Disponível em: <https://www.revistaartereal.com.br/wp-content/uploads/2014/02/EL-SIMBOLISMO-J.C.Cooper.pdf>. Acesso em: 05 março 2023.

- CORRÊA, Naida. Cooperação institucional em conservação e restauração no Museu de Arte do Rio Grande do Sul: a restauração de um conjunto de obras do Museu Histórico Farroupilha de Piratini em realização pelo núcleo de conservação e restauro do MARGS. *In: TESJ xOH*, v. 2, n. 4, p. 9-18, 2014. Disponível em: <https://www.margs.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/Revista-N%C2%BA-04.pdf>. Acesso em: 12 abril 2023.

- CORRÊA, Roselaine Casanova. Sinais, Imagens e Símbolos: a Construção do Mito na República Brasileira. **Revista Sociais E Humanas**, v. 13, n. 1, p. 117–121, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/1187#:~:text=Essa%20reflex%C3%A3o%20demonstra%20que%20atrav%C3%A9s,se%20introduziram%20no%20imagin%C3%A1rio%20coletivo>. Acesso em: 16 outubro 2022.

- CRUVINEL, Eduardo Henrique de Paula. A trajetória dos monumentos: formação do conceito e valores. **Cultura Histórica e Patrimônio**— História- Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG); v. 3, nº 2, ISSN 2316-5014, 2016. Disponível em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/view/02_art_cruvinel_v3n2. Acesso em: 20 setembro 2022.

- CUNHA, Luís. Entre ideologia e propaganda: a construção do herói nacional. **Jornadas Interdisciplinares Poder e Sociedade**: Universidade Aberta, Lisboa, 1995. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6133>. Acesso em 22 setembro 2022.

- DAKIR PARREIRAS. **A Federação**, Porto Alegre, 9 de julho de 1917. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=Fuga%20de%20Anita%20Garibaldi&pagfis=36838>. Acesso em: 13 abril 2023.

- DEBRUN, Michel. A identidade nacional brasileira. **Estudos avançados**, v. 4, p. 39-49, 1990. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/NtDhzhfK4wzSSwYbxQS8XxDn/?lang=pt#>. Acesso em: 07 março 2023

- DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Porto Alegre, 1900-1920**: estatuária e ideologia. Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

- DOS SANTOS, Dominique Vieira Coelho. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**: Universidade Federal de Goiás, ano 3, nº 6, p. 27-53, 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/IAUVZ>. Acesso em: 28 abril 2023.

- DUMAS, Alexandre; GARIBALDI, Giuseppe. **Memórias de Garibaldi**. [s. l.]: L&PM POCKET - Vol. 206, ed. 1ª, 2010.

- EDUARDO, Daniel José. **Cidadãos e eleições no Rio de Janeiro da Primeira República: do ‘voto de cabresto’ ao direito de ser eleitor**. 2011. Dissertação (programa de pós-graduação) — Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011. Disponível em:< <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/16249/Dissert-daniel-jose-eduardo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 fevereiro 2023.

- ELÍBIO JUNIOR, Antônio Manoel. **Uma heroína na história:** representações sobre Anita Garibaldi. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Repositório UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/79307/153071.pdf;jsessionid=F050BC11BFC7D33A0F24232C4D3C9522?sequence=1>.

Acesso em: 17 agosto 2021.

- _____ . A fabricação de uma heroína: Anita Garibaldi. **Esboços— Revista do Programa de pós-graduação em história.** V. 6, N 6; 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/519>. Acesso em: 10 setembro 2022.

- EQUIPE VERDE OLIVA. **Personagem da nossa história:** Anita Garibaldi. n. 237, 2017. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/VO/article/view/774>. Acesso em: 12 março 2023.

- EXÉRCITO BRASILEIRO. **Quadro a “Proclamação da República” em exposição permanente no museu acadêmico.** Imagem. Disponível em: https://www.eb.mil.br/o-exercito?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=8408487&_101_type=content&_101_groupId=8032597&_101_urlTitle=quadro-a-proclamacao-da-republica-em-exposicao-permanente-no-museu-academico-da-aman&inheritRedirect=true. Acesso em: 16 abril 2023.

- FERNANDES, José Ricardo Oriá. O Parlamento Brasileiro e a construção da memória nacional: os monumentos históricos em praça pública (1891-1986). **Anais dos Simpósios da ANPUH- Brasil; XXVIII Simpósio Nacional de História.** Santa Catarina/RS, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434396218_ARQUIVO_TEXTOANPUH2015.pdf. Acesso em: 20 setembro 2022.

- FERNANDES, José Ricardo Oriá. O altar da Pátria Republicana: embates políticos no parlamento na construção da memória nacional (1891-1937). **Anais dos simpósios da ANPUH- Brasil**; XXIX Simpósio de História Nacional. Brasília, Distrito Federal, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502740484_ARQUIVO_TEXTOANPUH2017.pdf. Acesso em: 04 março 2023.
- FIORIN, José Luiz. A construção da Identidade Nacional Brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem., 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3002/1933>. Acesso em: 07 março 2023.
- FLECK, Gilmei Francisco; ROHDE, Marina Luísa Rohde. Anita Garibaldi sob as luzes da ficção: a redescoberta de uma imagem histórica feminina. **Revista Ribanceira— Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará** – 2017, ISSN Eletrônico: 2318-9746; p. 124-140. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/1225>. Acesso em: 10 setembro 2022.
- FRAGA, André Barbosa. Os Heróis da Pátria: Político Cultural e História do Brasil no Governo Vargas. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 32, n. 59, p. 587-590, mai./ago., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/3kD6K7czqpQNkZkR4crS4qD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 setembro 2022.
- FRESCURA, Loredana; TOMATIS, Marco. **Anita Garibaldi: heroína de dois mundos**. Editora: Fundamento, 2012.
- GARIBALDI, Anita. **Anita Garibaldi, a mulher do General**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Coleção Uma Mulher.
- GELLNER, Ernest. **Naciones y nacionalismo**. Madri: Alianza Editorial, 1988. Disponível em: http://www.geocities.ws/fransavari/Ernest_Gellner.pdf. Acesso em: 07 abril 2023.

- GODINHO, Rosemary de Sampaio. Renascimento: uma nova concepção de mundo através de um novo olhar para a natureza. **DataGramZero**: Revista de Informação, v.13, n.1, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45740>. Acesso em: 24 março 2023.

- GUSSO, Francisco Benvenuto. A Tatuagem como linguagem artística na contemporaneidade. **Revista Vernáculo**: n. 36, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/38520/27548>. Acesso em: 28 março 2023.

- HEYMANN, Luciana Quillet. De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”: reflexões acerca da produção de “legados”. **I Seminário PRONEX Direitos e Cidadania apresentado no CPDOC/FGV**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6758/1612.pdf>. Acesso em: 12 abril 2023.

- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 9-23. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504477/mod_resource/content/1/HOBBSAWM%2C%20E.%20Inven%C3%A7%C3%A3o%20das%20tradi%C3%A7%C3%B5es.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 05 março 2023.

- HOBBSAWM, Eric J. E. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 2016. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/hobsbawmeric-nac3a7c3b5es-e-nacionalismo-desde-1780.pdf>. Acesso em: 1 abril 2023.

- ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo, regeneração social e castilhismo na República Velha gaúcha. **Estudos Ibero-Americanos**— PUCRS, v. 18, n. 1, p. 5-18, julho de 1992. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/29279>. Acesso em: 04 março 2023.

- ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher:** a moral e o imaginário (1889-1930). Bagé: EDIURCAMP, 2018, p. 1-126. Disponível em: https://www.academia.edu/51477959/Mulher_a_moral_e_o_imagin%C3%A1rio. Acesso em: 18 fevereiro 2023.

- JARDIM, Ana Cristina Magalhães. **O mito de Marília de Dirceu- 1792 a 1889:** aspectos da construção e da apropriação de heróis românticos e o processo de formação da Nação Brasileira. 2014. Dissertação (mestrado)— Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2014. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/4231/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_MitoMar%c3%adliaDirceu.pdf. Acesso em: 12 abril 2023.

- JERONYMO, Ciliani Celante Eloi. **Monumento Público:** Memória coletiva na sua Trajetória Funcional. 2014. Dissertação (mestrado)— Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo— UFES. Espírito Santo: Vitória, 2014. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2118/1/tese_8164_Ciliani%20Celante.pdf. Acesso em: 25 março 2023.

- LIMA, Carolina Maria Pereira de Araújo; SANTANA, Gelson. Livro de cabeceira: o corpo como tela através da pintura corporal. **Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**— XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo/ São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2404-1.pdf>. Acesso em: 28 março 2023.

- MACIEL, Ethel Leonor Noia; JUNIOR, Etereldes Gonçalves; DALCOLMO, Margareth Maria Pretti. Tuberculose e Coronavírus: o que sabemos?. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/ress/v29n2/2237-9622-ress-29-02-e2020128.pdf>. Acesso em: 12 abril 2023.

- MAGALHÃES, Wallace Lucas. O imaginário social como um campo de disputas. Albuquerque: **revista de história**, v. 8, n. 16, p. 92-110, 30 dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2164#:~:text=Partindo%20da%20concep%C3%A7%C3%A3o%20de%20imagin%C3%A1rio,de%20mundo%20ou%20suas%20hierarquizas%C3%A7%C3%B5es%2C>. Acesso em: 16 outubro 2022.
- MANICA, Tatiana. **Anita Garibaldi, persona/personagem, mulher-heroína**: estudo sobre sua representação nas obras de Rau, Zumblicke, Garibaldi e Markun. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2012. Repositório Anima Educação. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3350>. Acesso em: 16 agosto 2021.
- MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi**: uma heroína brasileira. São Paulo: Senac, 2003. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/anita-garibaldi-uma-heroína-brasileira--pdf-free.html>. Acesso em: 01 abril 2023.
- MARQUES, Cecília Baruki da Costa; DOMINGUES, Eliane. A Identidade Nacional Brasileira em Teses e Dissertações: uma revisão bibliográfica. **Revista Psicologia Política**, v. 14, nº 31, p. 465-480, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7431664>. Acesso em: 28 abril 2023.
- MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. A pintura trágica de Edvard Munch: um ensaio sobre a pintura e as marteladas de Nietzsche. **Tempo Social: Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 5(1-2): 67-111, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/vNdFx4HpTdnFNjvFhf9qvZM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 abril 2023.
- MONTE, Kalyne Teixeira do. Primeira república brasileira: marco histórico do surgimento da responsabilidade civil do estado. **INTR@ CIÊNCIA**, 2014.

Disponível em:
http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170531140739.pdf. Acesso em:
14 janeiro 2023.

- MORAES, Dênis de. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. **Contra Campo: revista do mestrado em comunicação, imagem e informação**. Ed. n. 01, 1997. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17283>. Acesso em: 16 outubro 2022.

- NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República**: da queda da monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

- NETO, Napoleão Ferreira da Silva. Lúcio Costa e a coleção dos monumentos nacionais. **Tensões Mundiais**, v. 18, n. 38, 2023. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/9939>. Acesso em: 11 abril 2023.

- NETTO, Raimundo Gonçalves Ferreira; CORRÊA, José Wilson do Nascimento. Epidemiologia do surto de doença por Coronavírus (COVID-19). **Revista Desafios**, v. 7, 2020. Disponível em:
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/8710/16715>. Acesso em: 12 abril 2023.

- OLIVEIRA, Luciana da Costa de. **O Rio Grande do Sul de Aldo Locatelli**: arte, historiografia e memória regional nos murais do Palácio Piratini. 2011. Tese (mestrado)— Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em:
<https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/upload/arquivos/202202/04115524-000433597-texto-completo-0.pdf>. Acesso em: 28 março 2023.

- ORTIZ, Alicia Dujovne. **Anita cubierta de arena**. 1 ed. Buenos Aires: Alfaguara, 2003. Disponível em: <https://tweet.monster/books/es/xyz/16/Anita-cubierta-de-arena-Alicia-Dujovne-Ortiz.pdf>. Acesso em: 01 abril 2023.

- PALÁCIO PIRATINI. **1893-1898**: Júlio Prates de Castilhos. Imagem. Disponível em: <https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/julio-de-castilhos>. Acesso em: 16 abril 2023.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha**. Editora: Brasiliense, 3ª ed., 1990. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16404150-Sandra-jatahy-pesavento-a-revolucao-farroupilha.html>. Acesso em: 01 abril 2023.

- PESSOA, Andréa Printes Nogueira. NOGUEIRA, Francinete Pessoa. NORONHA, Jucineide Campos. A importância do imaginário social para a construção das práticas de ensino-aprendizagem contemporâneas. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, ed. 10, vol. 22, p. 133-144, outubro de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/imaginario-social>. Acesso em: 17 outubro 2022.

- PEZAT, Paulo. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. **Anos 90**, v. 13, n. 23, p. 255–285, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6404/3846>. Acesso em: 10 novembro 2022.

- PRADO, Maria Ligia Coelho. O artista entre a história, a política e a pintura: retratando a independência no século XIX. **E-latina: Revista electrónica de estudos latino-americanos**, v. 7, n. 25, p. 17- 29, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4964/496451240003.pdf>. Acesso em: 28 março 2023.

- RAU, Wolfgang Ludwig. **Anita Garibaldi**: o perfil de uma heroína brasileira. Florianópolis: Edeme, 1975.

- RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **Anita Garibaldi coberta por histórias**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2011.Repositório Unesp. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/109188>. Acesso em: 16 agosto 2021.

- _____ . As histórias de Anita Garibaldi. **Revista Alere - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL**, ano 04, v. 04. n. 04, p. 155-178. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/551/482>. Acesso em: 28 agosto 2021.
- _____ . Entre o público e o privado: a personagem Anita Garibaldi de Alicia Dujovne Ortiz. **Trem de Letras**, v. 1, n. 1, p. 126-135, 21 nov. 2012. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjGsoGX4Nb6AhUCG7kGHVROAncQFnoECBgQAQ&url=https%3A%2F%2Fpublicacoes.unifal-mg.edu.br%2Frevistas%2Findex.php%2Ftremdeletras%2Farticle%2Fdownload%2F70%2F50%2F&usg=AOvVaw2ZTgUZ-C6-8EJOdG8k5hZf>. Acesso em: 10 setembro 2022.
- RODRIGUES, Leandro do Nascimento. **Os caminhos da identidade nacional brasileira: a perspectiva do etnosimbolismo**. 2013. Tese (doutorado)— Universidade de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14076/1/2013_LeandroNascimentoRodrigues.pdf. Acesso em: 08 março 2023.
- RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. **Castilhismo: uma filosofia da República**. Brasília: Coleção Brasil 500 anos, 2000. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1037/571386.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Acesso em: 14 janeiro 2023.
- ROHDE, Marina Luísa. **Anita Garibaldi: de heroína a mulher - a trajetória das imagens ficcionais de Ana Maria de Jesus Ribeiro**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017. BDTD. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3468>. Acesso em: 01 setembro 2021.

- RONCHI, Karinele. **Mulher, companheira, heroína**: as representações de Anita Garibaldi nos livros didáticos. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso em História – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina: Criciúma, 2014. Repositório UNESC. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/3002>. Acesso em: 19 agosto 2021.
- RUGGIERO, Antonio de. Um “Símbolo da fraternidade dos dois povos”: o monumento a José e Anita Garibaldi em Porto Alegre (1913). **MÉTIS— história & cultura**; v. 20, n. 39, p. 14-33; jan./jun. 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/21889>. Acesso em: 10 setembro 2022.
- SABINO. D. Ignez. **Mulheres Ilustres do Brazil**. Ed. Das Mulheres ed. Fac-similar, Florianópolis, 1996. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d2/Mulheres_illustres_do_Brazil_%281899%29.pdf. Acesso em: 31 março 2023.
- SALGUEIRO, Valéria. A arte de construir a nação: pintura de história e a Primeira República. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, n. 30, p. 3-22, 2002. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2170/1309>. Acesso em: 28 março 2023.
- SANT’ANA, Elma. **Caderno de Anita Garibaldi**. Santa Catarina: Bicentenário de Anita Garibaldi, 2021. Disponível em: <https://cultura-admin.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20210403/08160302-caderno-de-anita.pdf>. Acesso em: 16 agosto 2021.
- SANTOS, João Felício. **A guerrilheira: o romance da vida de Anita Garibaldi**. São Paulo: Círculo do livro, 1979.
- SILVA, Izabel Pimentel da. **Júlio de Castilhos**. Disponível em:

republica/CASTILHOS,%20J%C3%BAlio%20de.pdf. Acesso em: 08 março 2023.

- SILVA, Sérgio Roberto Rocha da. **A Proclamação da República no Sul do Brasil: a construção dos heróis nos monumentos públicos**. São Paulo: Editora Haikai, 2018.

- SOUTO, Cintia Vieira. **Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa**. História, gênero e trajetórias biográficas ST. 42. Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/C/Cintia_Souto_42.pdf. Acesso em: 11 março 2023.

- SOUZA, Meriti. Mito fundador, narrativas e história oficial: representações identitárias na cultura brasileira. **Anais Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, Coimbra/Portugal, v. 8, 2004. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel46/MeritiDeSouza.pdf>. Acesso em: 05 março 2023.

- SOUZA, Sônia Ribeiro de. Nação, nacionalismo e escola pública na primeira república. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300625491_ARQUIVO_Nacao,nacionalismoeEscolapublica.pdf. Acesso em: 30 março 2022.

- TORRES, João Camilo de Oliveira. **O Positivismo no Brasil**. Câmara dos Deputados: edições câmara, 2020. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=G9sGEAAAQBAJ&pg=GBS.PT5.w.9.0.10_175&hl=pt-BR&lr=. Acesso em: 17 janeiro 2023.

- UFPEL. **Fuga de Anita Garibaldi a cavalo: comunidade recebe obra após restauro feito pela UFPel**. 2021. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2021/09/15/fuga-de-anita-garibaldi-a-cavalo->

comunidade-recebe-obra-apos-restauro-feito-pela-ufpel/. Acesso em: 28 março 2023.

- VALENTE, Valentin. **Anita Garibaldi**: heroína por amor. Editora: Pongetti, 1949.

- VALLE, Cléa Fernandes Ramos; TELLES, Verônica. O mito do conceito de herói. **Revista Eletrônica do ISAT**; v. 2, ed. 1, dez/2014. Disponível em: <http://www.revistadoisat.com.br/pdf/Clea%20Veronica%20Mito%20Heroi.pdf>. Acesso em: 20 setembro 2022.

- VIANA, Verônica; BUCO, Cristiane; SANTOS, Thalison dos; SOUSA, Luci Danielli. **Arte rupestre**. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VERBETE%20ARTE%20RUPESTRE%20-%20pronto%20pdf.pdf>. Acesso em: 24 março 2023.

- ZALLA, Jocelito; MENEGAT, Carla. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. **Revista Brasileira de História**: São Paulo, v. 31, n. 62, p. 49-70, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/xxQSzmDf7tjfMc67ZN7xsSx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 abril 2023.

- ZUMBLICK, Walter. **Aninha do Bentão**. Tubarão: IOESC – Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina S.A., 1980.